

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

Filozofická fakulta

Katedra romanistiky

**A realização da desinência na terceira pessoa de
plural nos dialetos de Portugal continental**

**Realization of the inflectional morpheme of the third
person plural in the dialects of continental Portugal**

(Magisterská diplomová práce)

Autor: Aneta Stará

Vedoucí práce: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Olomouc 2024

Prohlašuji, že jsem tuto magisterskou diplomovou práci vypracovala samostatně pod odborným vedením Mgr. Petry Svobodovej, Ph. D. a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

Conteúdo

1. Introdução	6
2. Do latim ao português	7
2.1. A origem do latim.....	8
2.2. A chegada do latim para a Península Ibérica e a sua romanização	9
2.3. A evolução linguística após as invasões das tribos germânicas e dos muçulmanos	10
3. A variação dialetal em Portugal	13
3.1. O mapa dialetal do português europeu e a sua classificação.....	13
3.1.1. José Leite de Vasconcelos	13
3.1.2. Manuel de Paiva Boléo	14
3.1.3. Luís Filipe Lindley Cintra	15
3.1.3.1. Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses	15
4. O verbo, a sua classificação e flexão verbal	18
4.1. Classificação do verbo	19
4.1.1. Verbos regulares	19
4.1.2. Verbos irregulares.....	19
4.1.3. Verbos abundantes.....	20
4.1.4. Os verbos impessoais, unipessoais e defetivos	20
5. O desenvolvimento histórico das formas verbais	22
5.1. As classes verbais.....	22
5.2. A evolução das flexões verbais	23
5.2.1. As desinências e a sua formação nos respetivos tempos.....	24
5.2.1.1. As desinências no presente de indicativo	24
5.2.1.2. As desinências no presente de conjuntivo.....	25
5.2.1.3. As desinências no imperativo.....	26
5.2.1.4. As desinências no gerúndio.....	26
5.2.1.5. As desinências no pretérito imperfeito do indicativo.....	27

5.2.1.6.	As desinências no pretérito perfeito simples do indicativo	27
5.2.1.6.1.	As formas da 1ª conjugação:	28
5.2.1.6.2.	As formas da 2ª conjugação:	29
5.2.1.6.3.	As formas da 3ª conjugação:	30
6.	Metodologia	32
6.1.	Corpus	32
7.	Análise de inquéritos de Lindley Cintra	34
7.1.	Viana do Castelo (VC)	36
7.2.	Braga (BR)	38
7.3.	Vila Real (VR).....	40
7.4.	Bragança (BÇ).....	41
7.5.	Porto (P)	43
7.6.	Aveiro (A).....	45
7.7.	Viseu (V)	46
7.8.	Guarda (G).....	48
7.9.	Coimbra (C).....	49
7.10.	Castelo Branco (CB)	51
7.11.	Leiria (L)	54
7.12.	Santarém (S).....	55
7.13.	Portalegre (PL)	57
7.14.	Lisboa (Lx).....	60
7.15.	Évora (E)	62
7.16.	Setúbal (ST).....	64
7.17.	Beja (B)	66
7.18.	Faro (F).....	68
7.19.	A síntese dos resultados	71
8.	A sistematização das realizações na 3ª pessoa plural	76

8.1.	Redução do ditongo à uma vogal nasal e eventual alteração da qualidade da vogal	76
8.2.	Redução do ditongo a uma vogal oral e eventual alteração da qualidade da vogal .	77
8.3.	A conservação do ditongo com a mesma semivogal acompanhada por desnasalização da vogal e a eventual alteração da sua qualidade	78
8.4.	A substituição do ditongo por ditongo ou hiato com semivogal diferente.....	78
8.5.	A conservação do ditongo nasal mantendo a mesma semivogal mas alterando a vogal	79
9.	Conclusão.....	80
10.	Lista de Abreviaturas.....	81
11.	Resumé	89
12.	Referências Bibliográficas	90
13.	Lista de figuras e tabelas	92
14.	Anotação.....	94
15.	Abstract	95

1. Introdução

O tema principal deste estudo é a apresentação das alternâncias que ocorrem na flexão verbal da 3ª pessoa de plural em Portugal continental no presente de indicativo. A escolha do verbo consideramos lógica, dado que os verbos pertencem (juntamente com os substantivos) às partes básicas do discurso que têm flexão. O verbo em português representa o denominador mais rico em categorias gramaticais, por isso, podemos presumir que oferecerá uma variabilidade grande de realizações.

Sucessivamente, vamos passar desde a história do português como a língua até às variações das desinências. Em primeiro lugar, abordaremos a história de português desde a chegada do latim à Península Ibérica até a sua evolução para o português atual. Segundo, esboçamos brevemente a variação dialetal em Portugal e apresentamos os linguistas que contribuíram para a dialetologia portuguesa. Em seguida passamos para o verbo português, as suas variantes flexionais e o desenvolvimento histórico das terminações. Seguiremos para a parte prática onde, com base em questionários de L. F. Lindley Cintra, observaremos a grande variedade na realização das desinências na 3ª pessoa de plural e intentaremos demonstrar que fenómenos fonéticos ou morfológicos ocorrem no território de Portugal.

Na parte teórica, quanto à classificação do verbo aproveitaremos principalmente da *Breve Gramática do português contemporâneo* de C. F. Da Cunha e L. F. Lindley Cintra e do estudo *Diatopické varianty verbální flexe na území kontinentálního Portugalska* de P. Svobodová. Para obter informações sobre o desenvolvimento etimológico das desinências usamos como a fonte principal o estudo de Joseph-Marie Piel do ano 1944 chamado *A flexão verbal do português (Estudo de Morfologia Histórica)*.

O objetivo deste trabalho será a investigação das variantes das terminações da 3ª pessoa de plural do presente do indicativo que aparecem em Portugal continental. Finalmente, nós intentaremos sistematizá-las e determinar a sua distribuição geográfica.

2. Do latim ao português

Sabemos que a língua é um instrumento de comunicação com o sistema de regras gramaticais que, através da sua função linguística, facilita aos seus falantes a interação entre os interlocutores de modo que haja compreensível. A língua é um órgão vivo, então podemos dizer que está em constante evolução e adapta-se às mudanças sociais que influenciam a sua variação. Graças aos processos de variação linguística surgem não só novos fenómenos em línguas já existentes, mas também nascem novas línguas a partir de línguas mais antigas.

Quando falamos sobre a influência do latim no surgimento da língua portuguesa, é preciso de mencionar alguns dos fatores importantes. A princípio, o português não originou do latim clássico, que foi falado pela classe alta ou de prestígio, mas originou do latim vulgar¹.

Uma vez que se tratava de língua falada nas zonas colonizadas, é evidente que sofreu influências de línguas que se tinham falado antes da romanização e também daquelas que ali penetraram mais tarde, como, por exemplo, as línguas das tribos germânicas e árabes que, durante a sua ocupação territorial, penetraram, com maior ou menor intensidade, na língua latina e causaram a variação linguística.

O segundo elemento importante é a intensidade da extensão do latim em cada região da península. Por um lado, temos os centros urbanos onde a presença do latim foi mais forte e, por outro lado, temos as zonas rurais onde o contato linguístico foi mais fraco. Isto se distinguia, principalmente, pelo acesso à escolaridade nas zonas. Nas zonas rurais o acesso à educação foi bastante complicado.

Esses processos e condições influenciaram o surgimento da língua portuguesa. Em conclusão, o português originou do latim e herdou similaridades em seu sistema morfológico e o latim contribuiu também para a construção do léxico através do empréstimo de afixos, radicais e os próprios processos de formação de palavras da morfologia latina. No entanto, ao tornar-se uma língua independente, o português também sofreu alterações que causaram a sua dissimilação do latim.

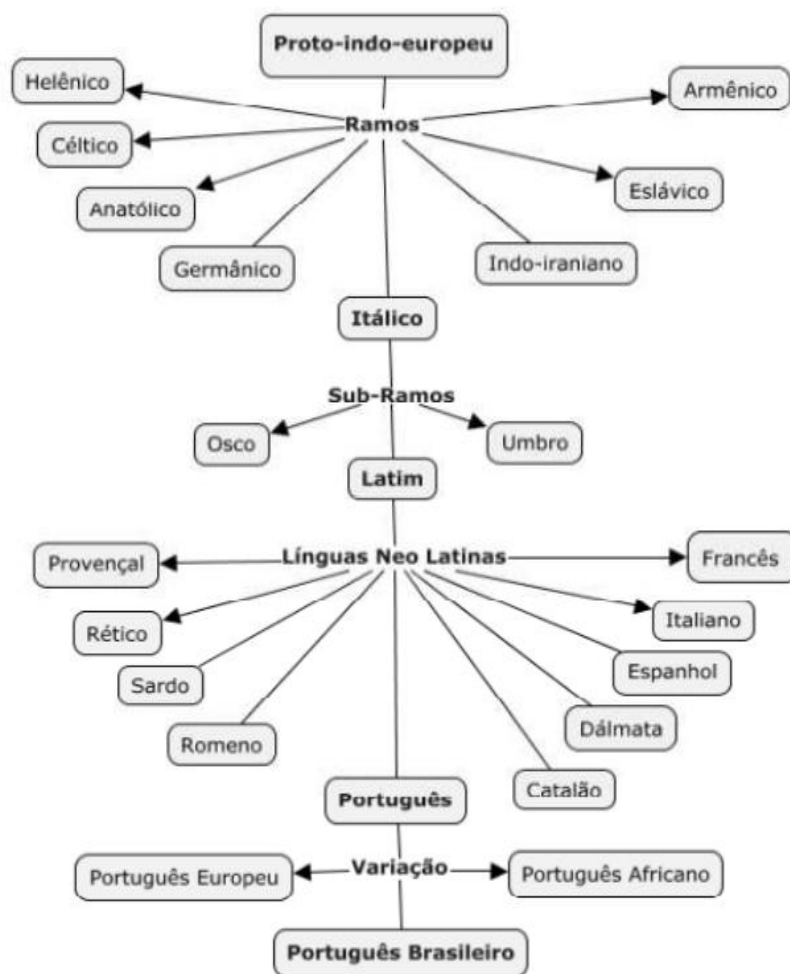
¹ O latim vulgar é um termo empregado para designar os dialetos regionais do latim falado principalmente nas províncias ocidentais do Império Romano. Falamos sobre a variação popular falada por antigos romanos entre os séculos II e V d. C. aproximadamente. Como o latim vulgar foi falado por todo o Império, certas palavras do latim clássico foram tiradas do vocabulário e algumas palavras foram emprestadas de volta ao próprio latim. As mudanças de vocabulário afetaram mesmo as partículas gramaticais básicas do latim.

2.1. A origem do latim

Antes de chegar ao surgimento da língua portuguesa, é preciso primeiro compreender a evolução da língua latina e levar em consideração as influências procedidas dos contextos geográficos, sociais e políticos aos quais a língua foi submetida.

A evolução da língua latina, e o seu surgimento, são marcados pelo longo processo de variação linguística. O seu início podemos ver na representação linguística do proto-indo-europeu na Península Ibérica. Isto podemos observar na *Figura 1* que é um mapa que apresenta a evolução da língua portuguesa. Podemos ver que o início foi no proto-indo-europeu do que se desenvolveram os oito ramos. Destes ramos, posteriormente, evoluíram outras línguas. O nosso ponto de interesse é o surgimento do ramo Itálico do qual provém o latim e posteriormente o português.

Figura 1: o mapa da evolução da língua portuguesa até o português moderno



O latim surgiu na Península Itálica, especificamente na região chamada Lácio (Itália central), que em latim pronuncia-se “latium”. Dessa palavra deriva-se o termo “latim”. Segundo

Rodrigo Tadeu Gonçalves, “a maioria das línguas europeias e muitas asiáticas, como o inglês, o alemão, o russo, o persa, o híndi, o francês e tantas outras, derivam de uma mesma língua-mãe, o proto-indo-europeu”. O termo “proto” vem do grego e significa “o início / a origem”. Então, podemos dizer que através da língua ancestral do latim surgiram ramos linguísticos dos quais mais tarde surgiram outras línguas. O latim faz parte do ramo itálico com o osco e o umbro. Em conclusão, todas as línguas que surgiram na Península Itálica pertencem ao ramo itálico.²

Como sabemos, as línguas constantemente evoluem na sua variação linguística e isso permitiu que as línguas antigas, no nosso caso, o latim, deram por fim à origem das línguas neolatinas, como o português, o espanhol, o castelhano, o francês, o italiano, o romeno, o galego e o catalão.³

2.2. A chegada do latim para a Península Ibérica e a sua romanização

Antes da chegada dos Romanos na Península Ibérica no ano de 218 a. C., a Península Ibérica era habitada pelos povos distintos. Os soldados romanos levaram o latim à Península Ibérica e todos os povos (com exceção dos bascos) adotaram o latim como a língua de comunicação.

A península foi dividida em duas províncias: a Hispânia Citerior (a região nordeste) e a Hispânia Ulterior (a região sudoeste). Em 27 a. C. a Hispânia Ulterior foi dividida em duas províncias pelo Augusto⁴, na Lusitânia e na Bética. As províncias subdividiram-se numa circunscrição judiciária chamada *conventus*. Atualmente, os territórios de Portugal e da Galícia espanhola correspondem aproximadamente a quatro desses *conventus* – os de *Lucus Augustus* (Lugo), de *Bracara* (Braga), de *Scalabis* (Santarém) e de *Pax Augusta* (Beja). Nesse território do Sul a romanização foi mais rápida e completa do que no Norte. Na zona mais

² Wênio Costa de FREITAS, *Do latim ao português: processos de formação de palavras*, Universidade Estadual de Paríba, Departamento de Letras e Humanidades, Campina Grande, 2018, pp. 12-19

³ Rodrigo Tadeu GONÇALVES, *Língua Latina*, Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009, p. 9

⁴ Nascido como Gaio Otávio, nomeado como filho adotivo e herdeiro de César, o Augusto foi o fundador do Império Romano e o seu primeiro imperador. Governou de 27 a. C. até a sua morte em 14 d. C.

setentrional, habitada pelos galaicos⁵, conservaram-se por mais tempo os elementos da sua própria cultura.⁶

Nas palavras do Mario Botelho, “os romanos introduziram costumes de civilização que não eram conhecidos, abrindo escolas, construindo estradas, templos, organizando o comércio, o serviço de correio e outros. Impuseram com rigor o uso do latim nas transações comerciais e nos documentos oficiais. O latim, prestigiado como língua oficial, ensinada nas escolas, pôde suplantar as demais línguas faladas pelos peninsulares, que adotaram, por conseguinte, a língua do povo dominador.”⁷ É preciso lembrar que essa língua não era o latim clássico, mas era o latim vulgar já influenciado pelas línguas peninsulares, por isso diferia bastante da língua falada em Roma.

O latim cresceu com o Império Romano e quando o Império começou a sua decadência (depois das invasões dos povos góticos que determinaram o fim do Império Romano), o latim perdeu a sua força, mas não morreu.

Resumidamente, podemos dizer que as situações geográficas e as condições sociais, económicas e culturais distintas, causaram bastantes modificações na língua falada e pela ação de substratos linguísticos peninsulares, começaram a nascer as línguas românicas que mantiveram os traços de latim.⁸

2.3. A evolução linguística após as invasões das tribos germânicas e dos muçulmanos

Em 409, os invasores germânicos (vândalos, suevos e alanos) chegaram ao território do Sul dos Pirenéus, mais tarde seguidos pelos visigodos. Com a invasão e migração dos povos germânicos, a língua falada pela população não era uniforme, a unidade romana rompeu-se

⁵ Os galaicos eram uma antiga tribo celta da Gallaecia que habitava o noroeste de Portugal moderno, aproximadamente na metade ocidental do distrito do Porto.

⁶ Paul TEYSSIER, *História da língua portuguesa*, (trad. de Celso Cunha), São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007, p. 7

⁷ José Mario BOTELHO, *Um pouco da história externa da Língua Portuguesa*, Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, vol. XVII, 2013, p. 146

⁸ Pedro Antonio Gomes de MELO, *A história externa da Língua portuguesa: do Latim ao Português*, DLCV, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1, e020007, jan./jun. 2020, p. 7, <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/58052>>, [consulta: 23/10/2024]

definitivamente e iniciou o processo da diferenciação regional. O latim preservou-se como a única língua da escrita e da cultura, mais o latim falado diversificou-se e evoluiu rapidamente.

Apesar do contato do latim com as línguas germânicas durante três séculos, os povos bárbaros eram povos de pouca cultura, por isso, a sua contribuição linguística não foi excessiva.

A península Ibérica foi invadida outra vez no ano de 711 e em pouco conquistada pelos muçulmanos (árabes e berberes), que tinham a religião islâmica e a língua de cultura árabe. Apesar que o árabe tivesse sido adotado como a língua oficial nas regiões conquistadas, a população continuava a falar o romance⁹.

Os muçulmanos não conseguiram conquistar o Norte, onde resistiram os refugiados cristãos. Podemos dizer que a invasão em certa medida dividiu o território em duas partes – o Norte, a zona com pouca influência do árabe, e o Sul, a zona arabizada. Esta divisão criou uma fronteira na língua que, em futuro, vai criar diferenças nos dialetos portugueses.

Em nome da recuperação da região, ocorreu um longo processo de lutas, das expulsões dos mouros para o Sul, onde surgiram os dialetos moçárabes, a partir do contato entre a língua árabe e o latim. Após várias batalhas, pouco a pouco, o território foi reconquistado – Coimbra em 1064, Santarém e Lisboa em 1147, Évora em 1165 e Faro em 1249. Com a reconquista do Faro, o território de Portugal foi completamente formado.¹⁰

No plano geográfico, Portugal estabelece a fronteira com Espanha e define os seus limites (mais ou menos iguais aos atuais). Os contatos linguísticos entre diferentes línguas e dialetos nessa região originaram as novas línguas com as influências célticas, mouras, árabes e primariamente com a influência do latim.¹¹

A invasão muçulmana, juntamente com a Reconquista foram os acontecimentos que determinaram a formação de três línguas peninsulares – o galego-português, o castelhano e o catalão. Todas essas línguas nasceram no Norte e foram trazidas para o Sul pela Reconquista.¹² A influência linguística e cultural muçulmana foi mais fraca nas zonas setentrionais do que no

⁹ A palavra romance designava as línguas usadas pelos povos sob o domínio do Império Romano.

¹⁰ Paul TEYSSIER, *História da língua portuguesa*, (trad. de Celso Cunha), São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007, p. 8

¹¹ Pedro Antonio Gomes de MELO, *A história externa da Língua portuguesa: do Latim ao Português*, DLCV, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1, e020007, jan./jun. 2020, p. 11, <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/58052>>, [consulta: 23/10/2024]

¹² Ibidem

resto das regiões, em particular, ao norte do Douro, que hoje corresponde à Galiza. Ao contrário, na região do Sul, no Algarve, a influência muçulmana foi mais profunda.

Como Portugal expandia do Norte para o Sul, o galego-português incorporava os falares locais, originava as diferenciações dialetais e assim, a língua do Norte sofria uma evolução gradativa. Em consequência, o galego-português transformou-se em duas línguas separadas – no galego e no português¹³. O galego foi por muitos séculos marginalizado, sendo nos contextos oficiais substituído pelo castelhano. O português evoluiu e tornou-se a língua românica que conhecemos hoje.

¹³ A divisão entre do galego-português se iniciou com a independência de Portugal em 1185 e se terminou com a expulsão dos mouros em 1249.

3. A variação dialetal em Portugal

No capítulo anterior mostramos como se formaram as primeiras línguas na Península Ibérica, mas é preciso acrescentar que estas línguas não eram as línguas uniformes e a sua variabilidade pode observar-se em vários níveis – diacrónico, diatópico, diastrático e diafásico. Para este trabalho é de interesse a variabilidade diatópica, ou seja, geográfica.

O português é tradicionalmente considerado como uma das línguas românicas mais homogêneas e arcaicas. O seu carácter arcaico deve-se, provavelmente, ao facto de o território português ficar isolado e distante de Roma, por isso, o português mantinha os traços arcaicos que não podemos encontrar nas outras línguas românicas. Quanto a sua homogeneidade, a ela contribuiu o facto que Portugal é um dos países mais antigos da Europa cujas fronteiras praticamente não mudaram desde 1249, quando os portugueses reconquistaram a cidade de Faro, no Sul da Península Ibérica na província do Algarve e assim acabaram a reconquista definitivamente. Outro fator que contribui à homogeneidade da língua é que o país se encontra na periferia da Europa. Esse facto garantiu a unidade étnica e nacional dos portugueses e o desenvolvimento isolado, com o mínimo das influências estrangeiras, da sua língua e, por isso, a sua variabilidade dialetal não é excessiva.

3.1. O mapa dialetal do português europeu e a sua classificação

Quando falamos de variantes geográficas de uma língua, estas designam-se como dialetos (por exemplo, por Cunha¹⁴). Talvez seja necessário destacar que existem outros termos, por exemplo, “falar” de Paiva Boléo, mas nós vamos cingir-nos ao termo “dialecto”.

Ao longo dos anos, foram definidos vários mapas dialetais do português europeu. A classificação dialetal iniciou-se com Leite de Vasconcelos. Os seus trabalhos serviram de referência a todos outros que lhe sucederam – como, por exemplo Paiva Boléo e Lindley Cintra.

3.1.1. José Leite de Vasconcelos

José Leite de Vasconcelos realizou os primeiros estudos de geografia linguística em Portugal e é o autor das primeiras obras que traçam e descrevem a distribuição geográfica das diferentes variedades regionais portuguesas – *Mapa Dialectológico do Continente Português* em 1893 e *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* em 1901. Esses estudos e contribuições de

¹⁴ Luís Filipe Lindley CINTRA, *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses*, in Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971, pp. 81-116

Vasconcelos foram inaugurais na dialetologia portuguesa e incluíram a primeira classificação dos dialetos portugueses e, as primeiras representações cartográficas regionais linguísticas do território português. Leite de Vasconcelos fez numerosas excursões pelo território português na sua vida, o que foi crucial para os seus estudos dialetológicos.¹⁵

Leite de Vasconcelos classifica os dialetos em quatro grupos principais que depois ainda divide em subdialetos e codialetos. Os grupos principais são seguintes:¹⁶

1. dialeto interamnense (falado na parte setentrional entre os rios Minho e Douro);
2. dialeto transmontano (falado na região de Trás-os-Montes e Alto Douro);
3. dialeto beirão (falado na região central – Beira Alta, Beira Litoral e Beira Baixa);
4. dialeto meridional (falado entre a Figueira da Foz e o cabo de Sines, nas regiões de Alentejo e Algarve);

3.1.2. Manuel de Paiva Boléo

No século XX, contribuíram com o primeiro estudo sistemático dos dialetos portugueses Manuel de Paiva Boléo, presidente do Instituto de Estudos Românicos da Universidade de Coimbra e Maria Helena Santos Silva.

A sua classificação de dialetos baseou num questionário chamado *O Inquérito Linguístico Boléo (ILB)* que foi inicialmente aplicado por correspondência e mais tarde substituído por um inquérito direto. Isso deu origem à sua proposta de “*Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental.*”¹⁷ Nesta proposta podemos encontrar a classificação dos dialetos em seis grupos principais de falares. Os falares ainda classifica em subgrupos de subfalares e variedades. Os grupos principais são:

1. o falar minhoto (quatro subfalares);
2. o falar transmontano (quatro subfalares);
3. o falar beirão (dois subfalares);
4. o falar do Baixo Vouga e Mondego;
5. o falar de Castelo Branco e Portalegre;

¹⁵ Ernestina CARRILHO, *José Leite de Vasconcelos*, Journal: *Dialectologia*, Volume: 9, University of Lisbon, Lisbon, 2012, pp. 3-4

¹⁶ Luís Filipe Lindley CINTRA, *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses*, in *Boletim de Filologia*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971, pp. 81-116

¹⁷ *Ibidem*

6. o falar meridional (quatro subfalares)

3.1.3. Luís Filipe Lindley Cintra

Luís Filipe Lindley Cintra é outro autor que fez os estudos importantes na dialetologia portuguesa pelos inquéritos realizados para o Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI).

Para o nosso trabalho é preciso definitivamente notar que Cintra baseou a sua nova (e até à data, na verdade, a última classificação) em questionários, cujo objetivo era criar o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) no futuro.¹⁸ A segunda parte deste trabalho (a parte prática) será precisamente baseada nestes questionários e os seus resultados recolhidos pelo Cintra que serão utilizados na análise das terminações verbais em Portugal continental.

Cintra interessou-se particularmente por vários tipos lexicais que lhe permitiram desenhar um conjunto de delimitações de áreas lexicais em Portugal, expostas no artigo “Áreas Lexicais no Território Português” (1962), que traz dados extremamente úteis para a lexicografia, de modo geral, e para o estudo da estratificação histórica do vocabulário português, em particular.¹⁹

Os seus trabalhos – *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses* e *Mapa dos Dialectos de Portugal Continental e da Galiza* servem de referência ainda hoje na investigação em dialetologia.

3.1.3.1. Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses

Em 1973 sai o volume XXII do Boletim de Filologia, que contém o artigo de Luís Filipe Lindley Cintra, datado de 1970, que sugeria uma nova proposta de classificação dos dialectos portugueses.

¹⁸ Quer dizer que o seu objetivo não foi apenas contribuir para a formação do ALPI.

¹⁹ Luís Filipe Lindley CINTRA, *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses*, in Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971, pp. 81-116

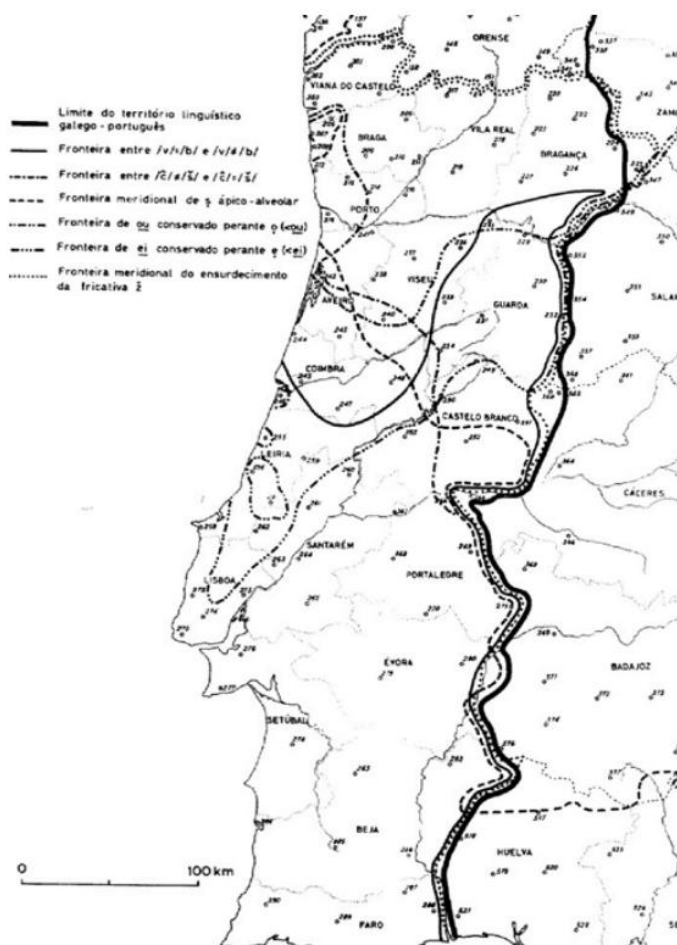
O autor selecionou cinco isófonas²⁰ para classificar os dialetos portugueses. Isso podemos observar no mapa abaixo. Segundo ele, essas cinco características são facilmente perceptíveis pelos falantes. São as seguintes²¹:

1. o desaparecimento da oposição fonológica entre os fonemas /b/ e /v/, em favor do primeiro fonema, que se realiza como oclusiva [b] ou como fricativa [β], dependendo do contexto;
2. a realização do fonema /s/ e do seu correlativo sonoro /z/ como fricativas ápico-alveolares, mais ou menos palatalizadas em oposição à sua realização predorsodental;
3. a conservação do fonema africado pós-alveolar surdo [tʃ], representado na escrita pelo grafema *ch*;
4. a conservação do ditongo *ou* e a sua pronúncia como [ow] ou [aw];
5. a monotongação do ditongo *ei*, que se conserva na grafia oficial e na língua falada padrão

Figura 2: o mapa que mostra as isófonas selecionadas pelo Cintra

²⁰ Isófona é o subtipo de isoglossa (a fronteira geográfica de uma certa característica linguística) que é estabelecida mediante elementos fonéticos. Essa linha imaginária marca a fronteira entre as regiões em que se realiza um determinado traço fonético.

²¹ Luís Filipe Lindley CINTRA, *Nova Proposta de Classificação dos Dialetos Galego-portugueses*, in Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971, pp. 81-116



Os traços fonéticos relevantes selecionados pelo Cintra permitem-lhe delimitar grandes zonas, correspondentes aos principais grupos dialetais. Cintra reconhece *o galego* e a existência dos *dialetos portugueses setentrionais*, por oposição a *dialetos portugueses centro-meridionais*. O grupo dos setentrionais ainda divide em dois subgrupos, aqueles que mantêm o sistema arcaico de quatro sibilantes apicais e predorsodontais (*dialetos transmontanos e alto-minhotos*) e aqueles que neutralizam as sibilantes em favor do ramo apical (*dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões*). Igualmente, no segundo grupo Cintra distingue *os dialetos do centro-litoral*, que conservam o ditongo *ei* e *os dialetos do centro-interior e do sul*, que monotongam o ditongo.

Esta classificação de Cintra mantém-se relevante até aos dias de hoje e foi apenas enriquecida por um traço dialetal (*i anti-hiático*), que foi acrescentado pelos dialectólogos do Centro Linguístico de Lisboa e descrito no capítulo dedicado à dialetologia na gramática de Eduardo Paiva Raposo. Na parte prática deste trabalho, basear-nos-emos então nesta classificação e tentaremos ver se a distribuição das terminações verbais corresponde à divisão nestas áreas dialetais.

4. O verbo, a sua classificação e flexão verbal

Levando em conta que vamos focalizar no verbo em dialetos, consideramos apropriado caracterizar, pelo menos parcialmente, esta classe gramatical e descrever a sua flexão.

O verbo é a palavra com forma variável que exprime os acontecimentos no tempo. A flexão verbal apresenta as propriedades morfossintáticas da palavra. No nível morfológico podemos incluir os verbos na sua classe gramatical adequada – o verbo. Em termos sintáticos, os verbos exercem uma função fundamental – o núcleo da predicação nos predicados verbais e apresenta a capacidade de expressar a concordância com o sujeito em pessoa e número.

A flexão verbal expressa as categorias morfológicas de pessoa, número, modo, tempo, voz e aspeto. Para a maioria dos tempos verbais, todas estas categorias são inseparáveis formalmente e são expressas pelo mesmo morfema flexional (fenómeno chamado monomorfismo). Esta inseparabilidade pode observar-se, por exemplo, na 1ª pessoa de singular do presente de indicativo no exemplo *cant-o*. Neste caso, o morfema flexional *o* expressa as categorias de pessoa, tempo e modo simultaneamente. No caso do uso das diferentes pessoas e os tempos, pode observar-se que as categorias morfológicas de tempo, modo e de voz são separadas formalmente das categorias morfológicas de pessoa e número. Esta separação é visível, por exemplo, na 2ª pessoa de singular no tempo de presente de indicativo *cant-a-s*, onde a vogal temática *a* expressa a categoria de tempo, modo, voz e a sua categoria da conjugação pertinente, enquanto o morfema *s* expressa as categorias de pessoa e número. Como neste caso se usam dois morfemas, podemos falar de dimorfismo. Porém, existem também os tempos onde podemos falar de expressão das categorias verbais por trimorfismo. O trimorfismo podemos observar na conjugação de tempo chamado pretérito imperfeito na 1ª pessoa de plural – *cant-á-va-mos*, onde a vogal temática (*a*) expressa a pertinência à classe verbal, o morfema flexional (*-va*) expressa a categoria de modo, tempo, voz e aspeto, e o morfema flexional (*-mos*) refere à pessoa e ao número.²²

Em conclusão, podemos dizer que em português não existe um morfema atribuído a uma categoria flexional. Existem morfemas que podem carregar as informações sobre todas as flexões existentes, bem como morfemas que informam apenas sobre algumas delas.

²² Petra SVOBODOVÁ, *Diatopické varianty verbální flexe na území kontinentálního Portugalska*, Univerzita Karlova, Nakladatelství Karolinum, Praha, 2020, p. 27

4.1. Classificação do verbo

Em relação à flexão verbal, existem três paradigmas de conjugação em português, que se diferenciam de acordo com as vogais temáticas, que estão ligadas ao radical do verbo. A primeira classe de verbos no infinitivo determina os verbos cuja vogal temática é a *a*, por exemplo, o verbo *cantar*. A segunda classe de verbos determina os verbos com base do uso da vogal temática *e* – *vender* e à terceira classe pertencem os verbos com a vogal temática *i* – *partir*.²³ Todos os verbos no infinitivo pertencem a uma destas três classes mencionadas como contêm uma das vogais temáticas. A única exceção é o verbo *pôr* que não contém nenhuma vogal temática, mas inclui-se na segunda conjugação com base na sua forma em latim *pōnēre*.

Em português moderno podemos ainda classificar os verbos em quatro grupos segundo o seu paradigma conjugacional: verbos regulares, irregulares, defetivos e os verbos abundantes.

4.1.1. Verbos regulares

Os verbos regulares respeitam os três paradigmas flexionais que representam os tipos da conjugação, dependem do uso da vogal temática e terminam na forma do infinitivo em *-ar*, *-er* ou *-ir*. Como os verbos são regulares, não apresentam as mudanças no nível morfológico nem na raiz do verbo, nem na desinência. Em alguns casos podem apresentar as mudanças ortográficas (por exemplo, para preservar a pronúncia de raiz do verbo) e fonéticas (dependendo se o acento está na raiz ou não). Já que estas mudanças não afetam o processo de conjugação, não podemos classificar estes verbos como irregulares.²⁴

4.1.2. Verbos irregulares

Ao contrário dos verbos regulares, os verbos irregulares não respeitam os paradigmas flexionais aos quais deveriam pertencer com base na sua desinência (*-ar*, *-er* ou *-ir*). Para que os verbos pertençam à classe dos verbos irregulares, não é necessário que o desvio de regularidade ocorra em todos os casos possíveis de conjugação.

A diferença entre o verbo regular e irregular deveria basear-se na forma do verbo dado no presente de indicativo e no pretérito perfeito. Estes tempos, com o infinitivo impessoal, são considerados os tempos primitivos como justamente deles se derivam os outros tempos. Por

²³ Celso Ferreira da CUNHA, Luís Filipe Lindley CINTRA, *Breve gramática do português contemporâneo*, Lisboa, 1ª Edição, Edições João Sá da Costa, 1985, p. 269

²⁴ Petra SVOBODOVÁ, *Diatopické varianty verbální flexe na území kontinentálního Portugalska*, Univerzita Karlova, Nakladatelství Karolinum, Praha, 2020, p. 28

isso, se o verbo apresenta alguma irregularidade em pelo menos num destes dois tempos, considera-se o verbo irregular.

Em português europeu o verbo pode apresentar as irregularidades na raiz e igualmente na sua desinência. Podemos examinar a conjugação na primeira pessoa no presente de indicativo dos dois verbos irregulares: *dar* e *medir*. O verbo *dar* tem a forma *dou*, então podemos observar que não recebe a desinência *-o* como no caso dos verbos regulares e apresenta assim a irregularidade na desinência. O verbo *medir* tem a forma *meço* que apresenta o radical *meç-* que é distinto do radical do verbo no infinitivo *med-*, mas apresenta a desinência *-o* da referida pessoa, assim, tem a desinência regular, mas apresenta irregularidade na raiz. A irregularidade na raiz é mais frequente do que a variação da desinência.²⁵

4.1.3. Verbos abundantes

A esta classe pertencem aqueles verbos que em uma das suas formas apresentam mais de uma variante. Estas variantes podem ou não ser equivalentes. As variantes equivalentes podemos observar na conjugação do verbo *construir*. Por exemplo, na 3ª pessoa de singular encontramos duas formas: *ele construi* / *constrói*. As variantes não equivalentes podemos encontrar nos verbos que possuem duas formas de particípio. Nesses casos, as formas não podem ser completamente equivalentes como cada uma tem uma função no contexto de uso diferente. Os particípios de forma regular usam-se com o verbo auxiliar *ter* e na formação dos tempos compostos. Porém, os particípios de forma irregular usam-se com os verbos auxiliares *ser* / *estar* e na formação da voz passiva.²⁶

4.1.4. Os verbos impessoais, unipessoais e defetivos

Há bastantes verbos que são usados só em alguns tempos, modos ou pessoas. As razões que provocam a falta de alguma forma verbal são múltiplas.

Muitas vezes a própria ideia expressa pelo verbo não pode aplicar-se à determinada pessoa ou coisa, ou seja, não existem sujeitos com os quais os verbos sejam compatíveis. Assim, por exemplo, os verbos que exprimem fenómenos de natureza só aparecem na 3ª pessoa do singular. Estes verbos chamamos *impessoais*. Entre verbos deste tipo podemos incluir:

²⁵ Celso Ferreira da CUNHA, Luís Filipe Lindley CINTRA, *Breve gramática do português contemporâneo*, Lisboa, 1ª Edição, Edições João Sá da Costa, 1985, pp. 290 – 291

²⁶ Petra SVOBODOVÁ, *Diatopické varianty verbální flexe na území kontinentálního Portugalska*, Univerzita Karlova, Nakladatelství Karolinum, Praha, 2020, pp. 34 – 35

- a) Os verbos que exprimem os fenómenos de natureza (*chover, alvorecer, nevar, etc.*),
- b) O verbo *haver* no sentido de “existir”,²⁷

Em seguida, há verbos que indicam tipicamente as vozes de animais e aparecem na 3ª pessoa de singular e de plural, o que é lógico considerando a sua semântica. Estes chamam-se *unipessoais*. A esta categoria pertencem os verbos:

- a) Os verbos que exprimem uma ação ou um estado peculiar de animal (*ladrar, galopar, zurrar, etc.*)
- b) Os verbos que indicam necessidade, sensações quando ter por sujeito um substantivo:
 - a. *Convém sair mais cedo.*
- c) Os verbos: *acontecer, concernir, constar, assentar, etc.*²⁸

Por último, há verbos que não podem ser conjugados em todas as formas possíveis seja porque a conjugação simplesmente não existe ou porque é sem sentido. Estes verbos chamamos *defetivos*. Nesta categoria pertencem os verbos que não possuem a 1ª pessoa do presente de indicativo e nenhuma das pessoas do presente de conjuntivo. Como modelo serve o verbo *colorir*²⁹:

Indicativo presente	Conjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
<i>cores</i>		<i>core</i>	
<i>core</i>			
<i>colorimos</i>			
<i>coloris</i>		<i>colori</i>	
<i>colorem</i>			

Também aqui pertencem os verbos que no presente de indicativo só possuem as formas arizotónicas e não possuem nenhuma das pessoas do presente do conjuntivo, por exemplo, o verbo *falir*:³⁰

²⁷ Celso Ferreira da CUNHA, Luís Filipe Lindley CINTRA, *Breve gramática do português contemporâneo*, Lisboa, 1ª Edição, Edições João Sá da Costa, 1985, pp. 321 – 322

²⁸ Idem, p. 322

²⁹ Idem, p. 323

³⁰ Idem, pp. 323 – 324

5. O desenvolvimento histórico das formas verbais

Apesar de que o tema principal deste trabalho seja a apresentação das variantes que ocorrem na flexão verbal na terceira pessoa do plural na atualidade, temos de mencionar o aspeto diacrónico, já que o desenvolvimento histórico nas classes verbais e nas suas terminações individuais tem a influência significativa na variabilidade das formas verbais.

5.1. As classes verbais

O português herdou um sistema variado de flexão verbal. A conjugação portuguesa não é tão rica como a do latim porque sofreu uma simplificação. As formas arcaicas e raras foram eliminadas e foram substituídas por novas, mais claras e expressivas.³¹

Do latim original passaram para o português três das quatro classes verbais. A primeira classe verbal no português está definida pela vogal temática *a*, pois é uma continuação da primeira classe do latim que também foi identificada com base na presença da vogal radical *a*, por exemplo: **lat. amāre** → **port. amar**

A primeira classe no português (os verbos em *-ar*) constitui uma das classes verbais mais estáveis e, ao mesmo tempo, mais ricas da conjugação portuguesa (e românica, em geral). Nesta classe podemos na sua maioria encontrar os verbos que são fiéis continuadores de verbos latinos da primeira conjugação. A esta classe pertencem os verbos que permaneceram na primeira conjugação latina ou passaram originalmente da segunda conjugação (**lat. minuēre** → **port. minguar**, **lat. torrēre** → **port. torrar**) ou terceira conjugação (**lat. mollire** → **port. molhar**). Nesta classe podemos encontrar também os verbos que a língua criou e ainda continua a criar independentemente do latim – o grande número dos verbos derivados por meio de sufixos como: **lat. -ICARE** → **port. folgar**; **lat. -NTARE** → **port. espantar**; **lat. -IDIARE** → **port. bocejar**. Aquí podemos ingressar também os verbos germânicos em *-an* e *-on* (**WARDAN** → **port. guardar**).³²

A segunda classe verbal está no português definida pela vogal temática *e* e surgiu devido à fusão de dois paradigmas distintos de conjugação no latim. O primeiro paradigma é a segunda classe verbal do latim definida pela vogal *e* longa (*ē*), ou seja, pela desinência *-ēre* (**lat. dēbēre** → **port. dever**). O segundo paradigma da fusão é a terceira classe verbal do latim definida pela vogal *e* curta (*ĕ*), ou seja, pela desinência *-ĕre* (**lat. comēdēre** → **port. comer**). Esta classe não

³¹ Joseph-Maria PIEL, *A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)* in “Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa”, 1944, pp. 1 – 2

³² Idem, p. 3

representa muita produção, já que não aceita os verbos novos e durante o desenvolvimento histórico também perdeu o número considerável de verbos originalmente pertencentes a esta classe à custa da primeira e terceira classe de verbos no português. Para a terceira classe passaram os verbos que no infinitivo em latim tinham as desinências em *-ĕre* ou *-ēre* e que formaram a 1ª pessoa do presente em *-io* ou *-eo*, como, por exemplo: *fugir*, *parir*, *possuir*, etc.

A terceira classe verbal no português definida pela vogal temática *i* é uma continuação da quarta classe de verbos no latim definida pela mesma vogal – *i* longa (*ī*). À diferença da segunda classe, esta classe representa a classe bastante rica em termos de números, porque como já foi mencionado, os verbos originalmente da segunda e terceira classe passaram para a terceira classe verbal no português (por exemplo, **lat. petĕre** → **port. pedir**; **lat. mulgĕre** → **port. mungir**), sem contar os verbos em *-io* ou *-eo* na 1ª pessoa do presente a que fizemos referência no parágrafo anterior. Porém, nem todos os verbos em *-io* ou *-eo* passaram da sua classe original e hoje não representam os infinitivos em *-ir*. Isto pode-se observar nos exemplos seguintes: **lat. SAPIO** → **port. saber**; **lat. FACIO** → **port. fazer**; **lat. IMPLEO** → **port. encher**. Em alguns casos produziu-se a substituição de *-er* por *-ir* só posteriormente na Idade Média. Além disso, os verbos em *-ĕre*, tomados recentemente do latim, passaram a esta classe em *-ir* (**lat. discernĕre** → **port. discernir**).³³

5.2. A evolução das flexões verbais

A tendência geral da evolução das flexões é a tendência de uniformizar e simplificar a conjugação. Quer dizer, reduzir a conjugação a um esquema homogêneo, eliminar as suas formas anômalas e atribuir uma determinada função a uma forma de flexão idêntica.

A conjugação ainda hoje conserva toda a abundância e variedade de formas que possuía em latim. A diferença consiste nas alterações necessárias introduzidas pelo tempo na fonética também na perda dos certos tempos e criação dos outros novos.

Devido às desinências, em todos os verbos latinos, e nos que lhes correspondem em português, o radical está acompanhado por pelo menos uma ou mais desinências. Os tipos de desinências são: *pessoais* e *temporais ou modais*.

Para indicar as três pessoas serviam as desinências pessoais que entravam em todos os tempos (com poucas exceções). Os tempos do imperativo e pretérito divergiam deste modelo.

³³ Ibidem

Estas características mantiveram-se em português (exceto as desinências da primeira pessoa: o *-o* no futuro, o *-m* em todos os tempos), somente sofreram as alterações impostas pela fonética.

A desinência *-m* tinha a tendência de cair e igualmente as outras desinências da 2ª pessoa plural, não se alteravam até o começo do século XV. Desde esta época, o *-d-* começou a cair até que desapareceu por completo nos fins do mesmo século, mantendo-se somente em casos em que estava precedido de consoante ou nos verbos de infinitivo monossilábico.³⁴

As terminações temporais ou modais não são relevantes para este trabalho porque analisaremos com mais detalhe a pessoa e o número.

5.2.1. As desinências e a sua formação nos respectivos tempos

Porquanto, tendo as quatro conjugações no latim e sendo reduzidas a três em português agora passamos para ver como evoluíram as terminações de pessoa e do número em diferentes tempos verbais.

5.2.1.1. As desinências no presente de indicativo³⁵

1ª conjugação (= lat. 1ª)		2ª conjugação (= lat. 2ª e 3ª)		3ª conjugação (= lat. 4ª)	
latim	português	latim	português	latim	português
<i>-O</i>	cant-o	<i>(-EO, -IO) -O</i>	dev-o	<i>-IO</i>	durm-o
<i>-AS</i>	cant-as	<i>-ES, -ĪS</i>	dev-es	<i>-IS</i>	dorm-es
<i>-AT</i>	cant-a	<i>-ET, -ĪT</i>	dev-e	<i>-IT</i>	dorm-e
<i>-AMUS</i>	cant-amos	<i>-EMUS</i>	dev-emos	<i>-ĪMUS</i>	dorm-imos
<i>-ATIS</i>	cant-ais	<i>-ETIS</i>	dev-eis	<i>-ĪTIS</i>	dorm-is
	ant. <i>-ades</i>		ant. <i>-edes</i>		ant. <i>-ides</i>
<i>-ANT</i>	cant-am	<i>-ENT</i>	dev-em	<i>-IUNT</i>	dorm-em

Conforme visível na tabela, a primeira classe ficou fiel à conjugação latina respetiva. Notamos que a 1ª, 2ª de singular e a 1ª de plural conservaram as desinências praticamente iguais às da conjugação latina. No resto das pessoas, as desinências sofreram as mudanças seguintes:

³⁴ José Joaquim NUNES, *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, 5ª Edição, Livraria clássica editora, 1945, pp. 271 – 278

³⁵ Joseph-Maria PIEL, *A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)* in “Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa”, 1944, p. 5

Segundo a observação da tabela é claro que a 2ª e 3ª conjugações têm as mesmas formas no português atual. A respeito da 1ª pessoa do singular, notamos que a maioria dos verbos da 2ª e 3ª conjugação (caracterizadas pelas desinências *-io* e *-eo*) substituíram estas desinências pela desinência *-o*.

Na 3ª pessoa, tanto de singular como de plural, podemos notar a perda da consoante *-t* na posição fraca final, e mais no plural a mudança da consoante *n* para *m*³⁶, como na 1ª conjugação. Ambas desinências (*-ent* e *-iunt*) então mudam para *-em*. À respeito da desinência *-ent*, podemos falar dum desenvolvimento fonético lógico, porém, em relação à 3ª conjugação, podemos observar que a desinência *-iunt* muda para a terminação muito mais abundante e estável dos verbos de 2ª conjugação.

A respeito da 2ª pessoa de plural, podemos observar de tabela, que em todas as três conjugações ainda havia formas *-ades*, *-edes* e *-ides*. Estas formas foram introduzidas pela sonorização de consoante *t* para *d*. Mas, no futuro, mais concretamente na época do português antigo (aprox. 1200-1350) ocorre no sistema verbal a perda de *-d-* intervocálico nesta pessoa e número.³⁷ Deste emudecimento surgiram as desinências atuais que são *-ais*, *-eis* e *-is*. Graças a esta perda da consoante intervocálica, observamos o fenómeno da invenção dos ditongos (típico, também, para o português antigo).

5.2.1.2. As desinências no presente de conjuntivo³⁸

1ª conjugação		2ª conjugação		3ª conjugação	
latim	português	latim	português	latim	português
<i>-EM</i>	cant-e	<i>-AM</i>	dev-a	<i>-IAM</i>	durm-a
<i>-ES</i>	cant-es	<i>-AS</i>	dev-as	<i>-IAS</i>	durm-as
<i>-ET</i>	cant-e	<i>-AT</i>	dev-a	<i>-IAT</i>	durm-a
<i>-EMUS</i>	cant-emos	<i>-AMUS</i>	dev-amos	<i>-IAMUS</i>	durm-amos
<i>-ETIS</i>	cant-eis	<i>-ATIS</i>	dev-ais	<i>-IATIS</i>	durm-ais
	ant. <i>-edes</i>		ant. <i>-ades</i>		ant. <i>-ades</i>

³⁶ A mudança da consoante *n* para a consoante *m* é o fenómeno típico das alterações durante a época do português antigo (aprox. de 1200 até 1350).

³⁷ A perda do *-D-* intervocálico foi um fenómeno geral que já tinha ocorrido antes por outras palavras, mas só ocorreu agora no caso do verbo.

³⁸ Joseph-Maria PIEL, *A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)* in “Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa”, 1944, p. 6

<i>-ENT</i>	cant-em	<i>-ANT</i>	dev-am	<i>-IANT</i>	durm-am
-------------	---------	-------------	--------	--------------	---------

No presente de conjuntivo podemos observar que a flexão quase não sofreu alterações e conservou praticamente as formas latinas. Igualmente, podemos observar a perda das consoantes na posição fraca (final), que foi típica na época do latim vulgar. Na 1ª pessoa de singular notamos a perda de *-m final* e na 3ª pessoa, tanto de singular como de plural, a perda de *-t final*.

Similarmente como no indicativo, na 2ª pessoa de plural, observamos a presença, em todas as três conjugações, das formas antigas *-edes*, *-ades* e *-ades* que na época do português antigo sofreram a perda de *-d-* intervocálico e criaram as desinências atuais que são *-eis*, *-ais* e *-as*.

5.2.1.3. As desinências no imperativo

Do imperativo latino sobreviveram em português duas pessoas – 2ª de singular e plural e mostram a evolução que não difere muito da forma latina inicial.³⁹

1ª conjugação (= lat. 1ª)		2ª conjugação (= lat. 2ª e 3ª)		3ª conjugação (= lat. 4ª)	
latim	português	latim	português	latim	português
<i>-A</i>	cant-a	<i>-E</i>	dev-e	<i>-Ī</i>	part-e
<i>-ATE</i>	cant-ai	<i>-ETE</i>	dev-ei	<i>-ĪTE</i>	part-i
	ant. <i>-ade</i>		ant. <i>-ede</i>		ant. <i>-ide</i>

Podemos ver que no caso de singular, as formas não sofreram nenhuma alteração. No caso de plural, podemos ver que também havia formas antigas *-ade*, *-ede* e *-ide*⁴⁰. Igualmente aos casos anteriores, as formas antigas perderam a *-d-* intervocálica e criaram os ditongos (no caso da 1ª e 2ª conjugação)

5.2.1.4. As desinências no gerúndio

O gerúndio representa o papel do participio ativo. O português atual reconhece as três terminações, igualmente como no latim. Já com a primeira observação é evidente que a

³⁹ Ibidem

⁴⁰ As antigas desinências usam-se até hoje em falares das regiões da Galiza e de Leão. As formas reduzidas *-ai*, *-ei* e *-i* usam-se nas regiões de Castela. A respeito de Portugal, é preferido só o uso da 2ª- pessoa singular.

terminação *-indo* não procede diretamente da terminação latina *-iendum* que foi criada em harmonia com as outras duas terminações *-ando* e *-endo*.

<i>-ANDUM</i>	<i>-ENDUM</i>	<i>-IENDUM</i>
cant-ando	dev-endo	dorm-indo

5.2.1.5. As desinências no pretérito imperfeito do indicativo⁴¹

1ª conjugação (= lat. 1ª)		2ª conjugação (= lat. 2ª e 3ª)		3ª conjugação (= lat. 4ª)	
latim	português	latim	português	latim	português
<i>-ABAM</i>	cant-ava	<i>-EBAM</i>	dev-ia	<i>-ĪBAM</i>	dorm-ia
<i>-ABAS</i>	cant-avas	<i>-EBAS</i>	dev-ias	<i>-ĪBAS</i>	dorm-ias
<i>-ABAT</i>	cant-ava	<i>-EBAT</i>	dev-ia	<i>-ĪBAT</i>	dorm-ia
<i>-ABÁMUS</i>	cant-ávamos	<i>-EBAMUS</i>	dev-íamos	<i>-ĪBAMUS</i>	dorm-íamos
<i>-ABÁTIS</i>	cant-áveis	<i>-EBATIS</i>	dev-íeis	<i>-ĪBATIS</i>	dorm-íeis
	ant. <i>-ávades</i>		ant. <i>-íades</i>		ant. <i>-íades</i>
<i>-ABANT</i>	cant-avam	<i>-EBANT</i>	dev-iam	<i>-ĪBANT</i>	dorm-iam

No caso de imperfeito de indicativo, o tema das formas é o mesmo ou bastante similar aos casos anteriores. Primariamente, podemos observar a perda das consoantes na posição fraca / final. Igualmente como no presente de conjuntivo, as perdas sofrem a 1ª (perda de *-m*) e 3ª pessoa de singular e plural (perda de *-t*). O fenómeno mais chamativo nestas formas é o betacismo, então a troca de *b* para *v*, que ocorreu no período do latim vulgar.

As novas terminações de **2ª e 3ª conjugação** (os verbos acabados em *-er* e *-ir*) dão origem a forma *ia*. Esta terminação origina devido ao emudecimento do *b intervocálico* (entre *ea* ou *ia*). Enquanto os verbos em *-ar* preservaram o *b intervocálico* transformado em *V*, dado que se encontrava entre os dois *aa*.

5.2.1.6. As desinências no pretérito perfeito simples do indicativo

Segundo J. M. Piel as desinências, do pretérito perfeito simples, de conjugações verbais no português originam das desinências no período de latim clássico, como podemos ver na

⁴¹ Joseph-Maria PIEL, *A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)* in “Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa”, 1944, p. 12

tabela. É evidente que estas desinências continham o interfixo⁴² *-v-* que vai desaparecer já no latim vulgar. Esse interfixo foi típico para a formação do radical do pretérito perfeito, e assim, diferenciaram as formas do radical do presente.⁴³

5.2.1.6.1. As formas da 1ª conjugação:

1ª conjugação		
latim clássico	latim vulgar	português
<i>-AVI</i>	<i>-AI</i>	<i>-ei</i>
<i>-AVISTI</i> → <i>-ASTI</i>	<i>-ASTI</i>	<i>-aste</i>
<i>-AVIT</i>	<i>-AUT</i>	<i>-ou</i>
<i>-AVIMUS</i>	<i>-AMUS</i>	<i>-ámos</i>
<i>-AVISTIS</i> → <i>-ASTIS</i>	<i>-ASTIS</i>	<i>-astes</i>
<i>-AVERUNT</i> → <i>-ARUNT</i>	<i>-ARUNT</i>	<i>-aram</i>

No âmbito do desenvolvimento das desinências da 1ª classe dos verbos, podemos observar na tabela que já no latim clássico as formas de 2ª pessoa (singular e plural) e 3ª pessoa plural foram adaptadas, o que levou ao encurtamento, no caso da 3ª pessoa ao deslocamento, do acento de *e* longo para *a*, e no caso da 2ª pessoa singular à mudança do acento de sílaba eliminada para a vogal temática *a*. Essas formas tornaram-se comuns na fala coloquial no período do latim vulgar e assim criaram-se as desinências que vemos na respetiva coluna.

Entre o período do latim vulgar e o português, as desinências sofreram as mudanças seguintes:

- A terminação *-ai* sofreu a mudança típica quando entrou em contacto com iode e mudou para *-ei*, ou seja, mudou da vogal central à vogal anterior.
- À respeito da terminação *-asti*, o *i* final latino foi substituído pela vogal *-e*. Primeiro realizada como *e semifechado* [e] e desde o século XIX aparece a variante normativa de hoje *e fechado central* [ə].
- A desinência *-aut* sofreu a mudança semelhante à da 1ª pessoa. Na primeira fase desapareceu a consoante final *t*, devido a isso, o ditongo *au* permaneceu na posição

⁴² O interfixo é a consoante entre as duas formas de base ou entre uma forma de base e um sufixo ou desinência.

⁴³ Joseph-Maria PIEL, *A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)* in “Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa”, 1944, p. 13

tónica. Por isso, na fase final do seu desenvolvimento o ditongo mudou para o ditongo *ou*.

- Na 1ª pessoa de plural ocorreu a modificação gráfica da vogal *u* para *o*, como em todas as palavras com a vogal *u* no final ou na posição átona / fraca. Igualmente, mudou a pronúncia da vogal radical para a *fechado central* [a].
- À diferença da desinência *-arunt*, a desinência *-astis* sofreu só a mudança da abertura da vogal *i* para *e semifechado* [e] que seguidamente fechou para *e fechado central* [ə].
- À respeito da desinência *-arunt*, junto com as terminações *-unt*, *-onem* e *-udinem*, podemos observar a tendência da unificação dos ditongos nasais nas terminações dos nomes e verbos para a terminação *-om*. Ao mesmo tempo, na língua existia também a terminação *-am*, o que vimos, por exemplo, no indicativo, mas também no caso dos nomes. A partir do século XIII houve, no entanto uma tendência para unificar ambas as terminações, o que se completou no século XIV, as desinências *-am* e *-om* unificaram para a terminação mais dominante ***-am***.

5.2.1.6.2. As formas da 2ª conjugação:

A segunda classe verbal, como já foi mencionado, formou-se das duas classes verbais latinas (2ª e 3ª). Existem várias teorias de formação das desinências para esta classe verbal. Nós vamos basear-nos na versão de J. M. Piel.

2ª conjugação		
latim clássico	latim vulgar	português
<i>-EUI</i>	<i>-EI</i>	<i>-i</i>
<i>-UĪSTĪ</i>	<i>-ESTI</i>	<i>-este</i>
<i>-ĪUĪT</i>	<i>-EUT</i>	<i>-eu</i>
<i>-ĪUĪŪS</i>	<i>-EMUS</i>	<i>-emos</i>
<i>-UĪSTIS</i>	<i>-ESTIS</i>	<i>-estes</i>
<i>-UERUNT</i>	<i>-ERUNT</i>	<i>-eram</i>

Segundo Piel, a desinência da 1ª pessoa de singular *-ei* procede da desinência do latim clássico *-evi*. Como nos casos anteriores, nesta classe verbal também ocorre a perda do interfixo *-v-* no latim vulgar e assim a desinência muda para o encontro das duas vogais *-ei*. Neste caso,

falamos sobre o ditongo que finalmente monotonga para *-i*, que representa a desinência atual no português.

Na 2ª pessoa, tanto de singular como de plural, ocorre a simplificação das desinências quando o *i* abriu para *e* *semifechado* [e] no latim vulgar. Esta simplificação pode notar-se também na 3ª pessoa de plural. Finalmente, em estas terminações ocorre também a perda de *u*. Como resultado, esta simplificação influenciou as outras pessoas no latim vulgar e por analogia, em todas as formas ficou a vogal radical *e*.

A 3ª pessoa de singular também sofre a perda da desinência fraca *-t* e assim fica o ditongo atual *eu*. No caso da 3ª pessoa de plural, ocorre o mesmo processo como já mencionado nos casos das classes verbais anteriores. Primeiro, podemos observar a mudança do acento de *i* para *e* devido à perda do interfixo *-v-*. Em seguida ocorre a simplificação do hiato para *-i*. Igualmente como no caso da 1ª conjugação, a terminação escapa o processo da unificação das terminações e forma a terminação final *-eram*.

Dado que a 2ª classe verbal é a mais próxima à 3ª classe, podemos dizer que o desenvolvimento desta classe reflete o esforço de assemelhá-la aos paradigmas existentes.⁴⁴

5.2.1.6.3. As formas da 3ª conjugação:

3ª conjugação		
latim clássico	latim vulgar	português
<i>-IVI</i>	<i>-ĪI</i>	<i>-i</i>
<i>-IVISTI</i> → <i>-ISTI</i>	<i>-ĪSTI</i>	<i>-iste</i>
<i>-IVIT</i>	<i>-ĪUIT</i>	<i>-iu</i>
<i>-IVIMUS</i>	<i>-Ī(I)MUS</i>	<i>-imos</i>
<i>-IVISTIS</i> → <i>-ISTIS</i>	<i>-ĪSTIS</i>	<i>-istes</i>
<i>-IVERUNT</i> → <i>-IERUNT</i>	<i>-ĪĒRUNT</i> (<i>-ĪRUNT</i>)	<i>-iram</i>

Segundo a tabela podemos observar que o desenvolvimento das desinências da 3ª classe verbal é quase idêntico ao desenvolvimento das desinências da 1ª classe de verbos. Neste caso, baseamo-nos nas desinências de 4ª classe latina de verbos que também continham o interfixo *u/v*. A conservação do acento na vogal do radical (o que é típico para os verbos fracos), levou

⁴⁴ Petra SVOBODOVÁ, *Diatopické varianty verbální flexe na území kontinentálního Portugalska*, Univerzita Karlova, Nakladatelství Karolinum, Praha, 2020, p. 43

de novo à redução de 2ª pessoa (singular e plural) e 3ª pessoa de plural ainda no período do latim clássico. As mudanças em períodos seguintes do desenvolvimento não diferem muito das da 1ª classe de verbos, e são seguintes:

- A 1ª pessoa de singular perde o interfixo *v* e assim as duas vogais restantes passam pela contração, resultando em uma só vogal *-i*.
- Na 2ª pessoa, desde o século XIV, o *i* final é substituído pelo *e semifechado [e]* que a final do século XVIII passa para *e fechado central [ə]*.
- Na 3ª pessoa de singular podemos observar a perda do *i* e de desinência fraca *-t* final, que forma a desinência de hoje *-iu*.
- Nas 1ª e 2ª pessoa de plural podemos observar que depois da perda do interfixo *v* ficam as duas vogais restantes *ī - ĭ* que combinando formam o hiato (*ī - ĭmus*). No caso da 1ª pessoa este hiato finalmente simplifica-se em *i*. Na 2ª pessoa este hiato muda para *e semifechado [e]*.
- Na 3ª pessoa de plural, o acento muda de *i* para *e*, assim cancelando o hiato, que originou depois da perda do interfixo *-v-*, e finalmente simplificando-se para *-i*. Igualmente, como já mencionado no caso da terminação da 3ª pessoa de plural da 1ª classe verbal, a terminação nesta classe verbal passa pelo mesmo processo da unificação das terminações como mencionado anteriormente.

6. Metodologia

Estamos a aproximar-nos da parte prática deste trabalho. Nos capítulos anteriores, graças ao desenvolvimento histórico, mostramos como evoluíram as terminações da 3ª pessoa de plural. Chegamos a saber que as terminações evoluíram de tal forma que hoje, independentemente do tempo, temos apenas duas terminações: *-am* e *-em*.

No entanto, estas terminações apresentam uma certa variabilidade em termos da realização fonética, e agora nós tentaremos verificar isso num corpus dialetal.

6.1. Corpus

Como já foi mencionado na introdução, vamos focar-nos no presente de indicativo e, em particular, dedicar-nos-emos à 3ª pessoa de plural. A escolha do presente de indicativo consideramos como a escolha lógica, já que do ponto de vista prático, é um dos tempos mais frequentes na língua e, por isso, fornece-nos mais dados para a análise. À respeito da escolha da 3ª pessoa de plural, esta pessoa é suficientemente frequente no discurso natural (tanto falado como escrito) para permitir uma pesquisa significativa baseada em corpus. Também está suficientemente variável na forma e utilização o que pode revelar bastantes alterações.

A pesquisa vai centrar-se na área de Portugal continental e vai omitir as variantes da língua insular. Para procurar a informação sobre a realização das terminações em variantes regionais do português continental, baseamo-nos em questionários elaborados por Lindley Cintra realizados desde 1953 para o ALPI. Porém, mais tarde Cintra modificou estes questionários para obter os dados para a criação do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza e começou realizar os questionários oficialmente desde 1974. A pesquisa do campo foi concluída no início do século XXI pelos seus sucessores do Centro Linguístico da Universidade de Lisboa.

Originalmente, trata-se dum questionário fonético-lexical de 3 500 questões. As questões foram gradualmente reduzidas para aproximadamente 2 000. O questionário foi aplicado em 212 zonas, dos quais 176 são localizadas no continente e são relevantes para este trabalho. Existem também as gravações de cada zonas, mas nós vamos concentrar apenas na versão escrita⁴⁵.

⁴⁵ Eu não trabalhei diretamente com os questionários e gostaria de pôr em destaque que utilizei os materiais que foram extraídos dos questionários no âmbito de uma outra pesquisa realizada por Mgr. Petra Svobodová, Ph. D.

O questionário foi estruturado de acordo com campos lexicais, de modo a que nele apreessem verbos adequados ao campo em questão (por exemplo, “cultivar” na agricultura, “moer” na moagem, etc.). O informante deveria então conjugar estes verbos, especialmente em pessoas potencialmente problemáticas (como a 3ª pessoa de plural). Se foram identificadas as formas específicas do verbo fora do âmbito das perguntas, também se anotavam no questionário. O nosso corpus é, então, baseado em todas estas formas. A vantagem adicional é que os questionários incluem uma transcrição fonética das realizações, mas a desvantagem é que os verbos não eram o principal interesse de Cintra. Havia principalmente substantivos e verbos apenas secundariamente. Já que apareceram entre as questões iniciais, foram incorporados. A maioria dos verbos incorporados eram irregulares, já que se esperavam os maiores desvios da norma. Acreditamos que os questionários contêm dados suficientes para tirar as conclusões relevantes.

Dado que os verbos regulares apareceriam menos frequentemente, pode parecer que o número de materiais não é suficiente e necessariamente simétrico. Enquanto, em algumas localidades todos os verbos são processados, noutras pode ocorrer que não há nem único. Igualmente, o número dos informantes pode distorcer a objetividade dos dados para toda a localidade porque em algumas localidades podemos encontrar dez informantes e noutros apenas um. Isso pode distorcer significativamente a validade objetiva dos dados para todo o local.⁴⁶

⁴⁶ Cada questionário recolhe as informações de, pelo menos, um respondente. Todos os respondentes cumprem os requisitos para respondentes de questionários dialetológicos. Os respondentes são falantes nativos de uma determinada área. É importante que as pessoas vivem nas zonas permanentemente e são com pouca ou nenhuma educação (frequentemente analfabetos, mais velhos e com maior probabilidade de serem homens).

7. Análise de inquéritos de Lindley Cintra

O corpus não faz parte deste trabalho devido à sua extensão, no entanto, é apropriado descrever a sua forma para esclarecer o método da sistematização.

O corpus está formado pelas tabelas e cada tabela está indicada por uma letra que representa o código escolhido pelo Cintra para a área / zona a que se refere. As letras são seguidas por número referente a um ponto de inquérito concreto. Por exemplo, a abreviatura A1 corresponde à localidade de Espinho na zona de Aveiro. À respeito do comentário, nós também vamos usar as abreviaturas das zonas em vez do nome inteiro. As abreviaturas são mencionadas entre parênteses acima do texto na apresentação das zonas de pesquisa e a lista completa pode encontrar-se no capítulo de abreviaturas.

Figura 3: o exemplo das tabelas do questionário

127. BÇ9 - Lanção		
3. ps. pl. De presete de indicativo		
levam	'leβō (Opeq)	
128. BÇ10 - Algosó		
3. ps. pl. De presete de indicativo		
levam	'leβāw	
sobem	'suβāj	

A pesquisa foi feita em dezoito zonas de Portugal, as quais podemos ver na *Figura 3*. O comentário dos resultados realiza-se desde o Norte até o Sul e vamos passar por todas as zonas por subcapítulos e comentaremos a presença da terminação da 3ª pessoa de plural no presente do indicativo em cada zona. Para melhor entendimento, pomos os exemplos concretos das localidades concretas. As realizações serão representadas também nos gráficos para o melhor entendimento.

As zonas de pesquisa e as suas designações, são seguintes:⁴⁷

- Aveiro (A)
- Beja (B)
- Bragança (BÇ)
- Braga (BR)
- Coimbra (C)
- Castelo Branco (CB)

⁴⁷ A lista completa das zonas pode-se encontrar no capítulo 10 – Lista de Abreviaturas.

- Évora (E)
- Faro (F)
- Guarda (G)
- Leiria (L)
- Lisboa (Lx)
- Porto (P)
- Portalegre (PL)
- Santarém (S)
- Setúbal (ST)
- Viseu (V)
- Viana do Castelo (VC)
- Vila Real (VR)

Figura 4: o mapa dos pontos de inquérito de Lindley Cintra

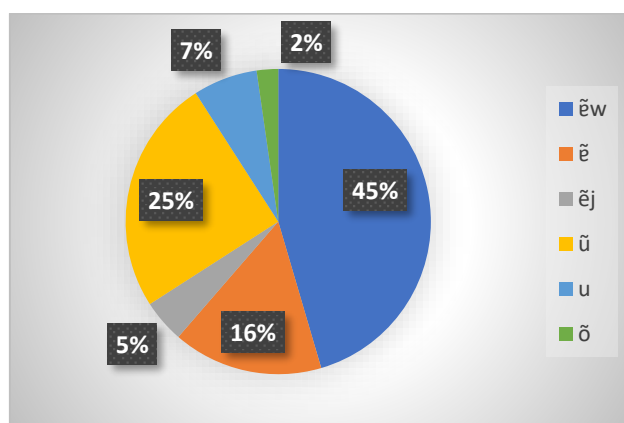


7.1. Viana do Castelo (VC)

Começamos com a zona de Viana de Castelo. Aqui podemos encontrar as seguintes realizações da terminação *-am*: [ẽw], [ẽ], [ẽj], [ũ], [u], [õ]. Em total temos disponíveis 44 resultados.

Podemos notar que o fenômeno mais geral nesta zona é a realização da desinência como [ẽw], ou seja, a forma normativa. A realização normativa está presente nos 45 % dos casos. A segunda realização mais presente é a [ũ] (beijam [bejzũ] em localidade VC2) com 25 %. Esta realização apresenta a monotongação do ditongo em uma vogal nasal e a alteração da vogal. A terceira realização mais anotada é a [ẽ] (emprestam [prẽfẽ] em localidade VC3), ou seja, a monotongação do ditongo e esta realização está notável nos 7 casos que representam 16 % do total. As restantes realizações presentes são [u] com 7 %, [ẽj] com 5 % e [õ] com 2 %.

Figura 5: o gráfico de representações da terminação *-am* em Viana do Castelo



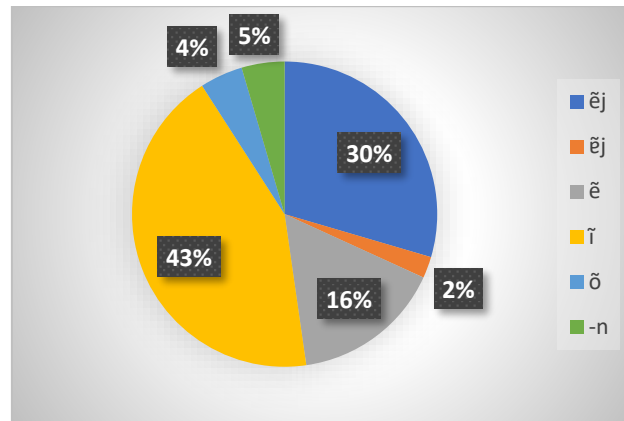
Podemos ver que em maioria dos casos recolhidos prevalece a forma normativa [ẽw]. Então, a realização mais comum é a manutenção do ditongo, e os restantes 55 % formam as diversas variantes de monotongação, quer com a manutenção da vogal, quer com a sua mudança.

À respeito das realizações da terminação *-em*, podemos observar as seguintes realizações: [ẽj], [ĩ], [õ], [ẽj], [ẽ], [-n] dos 44 resultados de pesquisa.

A realização predominante é a realização [ĩ] em 43 % dos casos. A realização normativa [ẽj] e a segunda realização mais usada e está representada em 30 % dos casos. A terceira realização mais presente é a forma monotongada [ẽ]. Esta realização está apontada nos 16 % dos casos. As restantes realizações presentes são [-n] com 5 %, [õ] com 4 % e [ẽj] com 2 %. Podemos observar que a forma normativa está presente quase em todas as localidades de

pesquisa, mas predomina a realização nasal [ĩ], o que apresenta a redução do ditongo e a seguinte alteração pela vogal diferente. Neste caso observamos a mudança de vogal *e* para a vogal *i* - **prendem [prēdĩ]** em localidade VC2.

Figura 6: o gráfico de representações da terminação -em em Viana do Castelo



A realização predominante está primariamente presente em localidade VC2. Nesta zona ainda podemos encontrar só um caso único apontado da realização de vogal nasal [õ], concretamente em localidade VC3 (**prendem [prēdõ]**). Num caso único, podemos encontrar também a realização do ditongo [ẽj] (**comem [kõmẽj] prendem [prēdĩ]**), concretamente em localidade VC7.

Nesta zona podemos ainda observar a realização específica de terminação, isto é, a realização acabada em [-n], ou seja: **fazem [fazən]**. Podemos observá-la só em localidade de VC3 nos dois casos apontados.

Na zona de Viana do Castelo podemos observar de imediato o fenómeno da confusão no uso dos tempos de verbos. Este fenómeno mostra que pode ocorrer que as formas dos verbos do presente de indicativo e de conjuntivo são as mesmas devido à pronúncia. Quer dizer que na transcrição fonética não há diferença entre a forma do presente de indicativo e de conjuntivo. Por exemplo: **ganham [ɣapẽ]** → **ganhem [ɣapẽ]** / **jogam [ʒɔɣẽ]** → **joguem [ʒɔɣẽ]**. Como é visível dos exemplos, a forma preferida neste fenómeno é a forma reduzida / monotongada [ẽ]. Este fenómeno ainda se reflete também na comunicação diária. Está notável que na forma escrita prevalece o uso da forma do presente de conjuntivo em vez da forma do indicativo. Por exemplo: “Vocês **fiquem** na vila?, Eles ainda **andem** aí.“. Esta confusão pode observar-se primariamente em localidade VC3 e em número menor também nas outras localidades da zona.

Podemos resumir, que na zona de Viana de Castelo prevalece a forma normativa no caso da terminação **-am** e no caso de **-em** a forma monotongada com a alteração da qualidade da vogal.

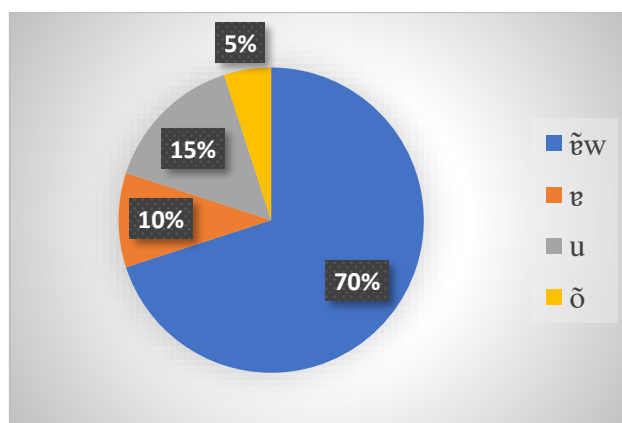
7.2. Braga (BR)

Passando para a zona de Braga foram recolhidos 52 casos no total para ambas as terminações em 8 localidades de pesquisa.

Observamos que, à respeito da realização de desinência **-am** há quatro realizações possíveis: **[ẽw]**, **[õ]**, **[u]** e **[ɐ]**. Este número é bastante grande já que temos disponíveis só 20 casos no total.

Claramente, predomina a realização normativa de **[ẽw]** com 70 % e que está presente em todas as localidades exploradas. A segunda realização mais usada é **[u]** com 15 %. A realização **[ɐ]** está presente em 10 % dos casos recolhidos. A última realização presente é **[õ]** com 5 %. Porém, as realizações **[õ]**, **[u]** e **[ɐ]** são presentes em pouco número, concretamente, desde um até três casos recolhidos como máximo. A terminação realizada como **[u]** se nota só em três casos.

Figura 7: o gráfico de representações da terminação **-am** em Braga



Na realização **[u]** podemos observar o fenómeno de monotongação com a sua seguinte perda da nasalidade e a alteração da qualidade da vogal, por exemplo, **secam** **[sɛku]** (em localidade BR2). Em relação à realização **[ɐ]**, podemos ver que apresenta a forma monotongada sem nasalidade como no caso anterior, mas sem a alteração da vogal. Concretamente, podemos encontrá-la no exemplo em localidade BR3 (beijam **[bejɜɐ]**).

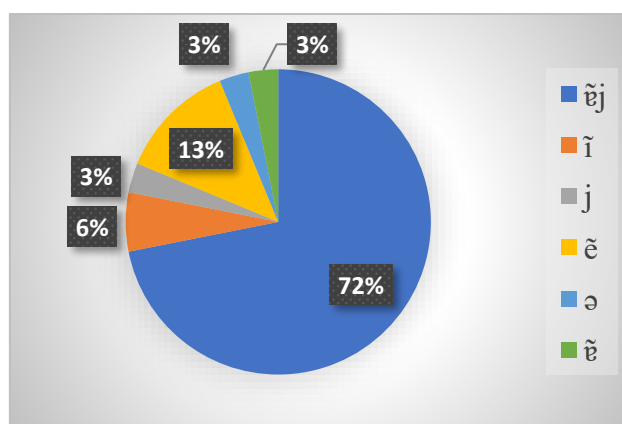
A realização [õ] é a realização arcaica do ditongo que se conservou até hoje em poucos casos / zonas. Praticamente podemos falar da forma hiática. Esta forma podemos observar só num caso único e concretamente em localidade BR3 (**jogam [ʒɔɣõ]**).

À respeito da realização de desinência *-em* podemos encontrar até seis variações distintas: [ẽj], [j], [ə], [ĩ], [ẽ] e [ẽ̃].

A realização mais frequente é [ẽj] e está presente em todas as localidades de pesquisa em total de 72 % dos resultados recolhidos. A segunda realização mais apontada é a realização monotongada [ẽ] com 13 %. Em 6 % dos casos podemos observar a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ]. As restantes realizações [j], [ə] e [ẽ̃] podemos observar em 3 % dos casos, separadamente, então podemos falar sobre os casos únicos, concretamente são seguintes:

- [j] – moem [mɔj]
- [ə] – sentem [sẽtə]
- [ẽ̃] – põem [põjẽ̃]

Figura 8: o gráfico de representações da terminação *-em* em Braga



Nesta zona, provavelmente podemos observar a tendência de evitar a realização do ditongo, já que a maioria das realizações apontadas representam as variações monotongadas. Igualmente, em relação à realização [j], podemos observar esta tendência. Porém, neste caso observamos a perda da vogal e o uso da consoante.

À respeito da realização [ẽ̃] podemos observar o caso único da mudança de ditongo decrescente ao ditongo crescente, concretamente em localidade BR1. Em torno da realização

Para resumir, na zona de Beira podemos observar que em ambas terminações prevalecem as formas normativas.

7.3. Vila Real (VR)

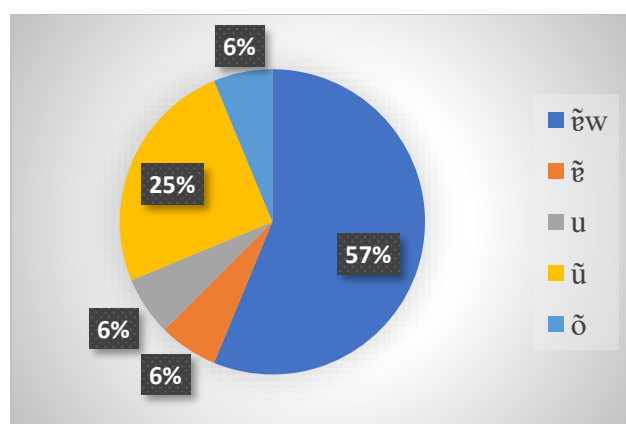
Seguindo na zona de Vila Real, podemos observar 34 casos recolhidos no total nas 10 localidades de pesquisa.

À respeito da realização da terminação *-am* podemos destacar cinco variações: [ẽw], [ũ], [õ], [ẽ] e [u].

Em maior número, prevalece a realização normativa [ẽw], presente em quase todas as localidades de pesquisa. A sua presença está apontada em 57 % dos resultados. A segunda realização mais representada é a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ũ] (*assobiam* [ɐsuβiũ]) e está marcada em 25 % dos casos. As restantes três realizações ([õ], [ẽ] e [u]) são as formas monotongadas tanto orais como nasais, e tanto com a alteração da qualidade da vogal como não. Estas realizações podemos observar em 6 % dos casos, separadamente e são marcadas só num caso em toda a zona de Vila Real, separadamente, concretamente nos exemplos abaixo:

- [õ] – *assobiam* [ɐsuβiõ]
- [ẽ]: *semeiam* [səmejẽ]
- [u]: *semeiam* [səmeju]

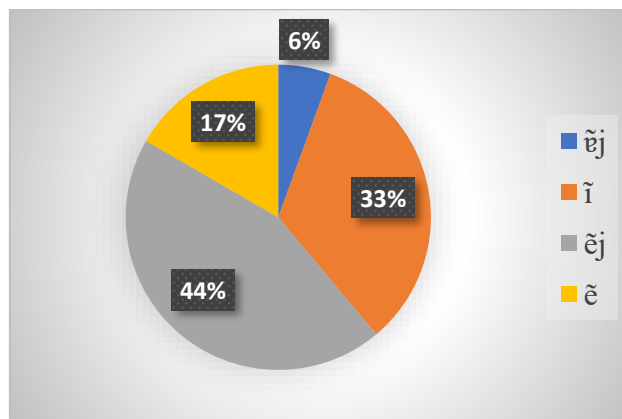
Figura 9: o gráfico de representações da terminação *-am* em Vila Real



Passando para a realização da terminação *-em*, destacamos quatro variações distintas ([ẽj] [ẽ], [ĩ] e [ẽj]), com a preferência pela realização [ẽj] que tem a maior representação em 44 % dos casos. A segunda realização mais presente é a variação monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ] (*mexem* [mɛʃĩ]) e está presente em 33 % dos casos. No terceiro lugar há realização também monotongada, a realização [ẽ] (*fazem* [fazẽ]). Esta realização está anotada nos três casos no total na zona. Isso representa 17 % dos casos recolhidos. Num caso

único ainda podemos encontrar a presença da variação de diftongo [ẽj] (*sobem* [sɔβẽj]), concretamente em localidade VR1.

Figura 10: o gráfico de representações da terminação *-em* em Vila Real



Resumidamente, podemos observar a prevalência clara das formas ditongadas nasais assim na terminação *-am* como na terminação *-em*. Em relação à terminação *-am*, podemos observar que claramente ainda predominam as formas monotongadas.

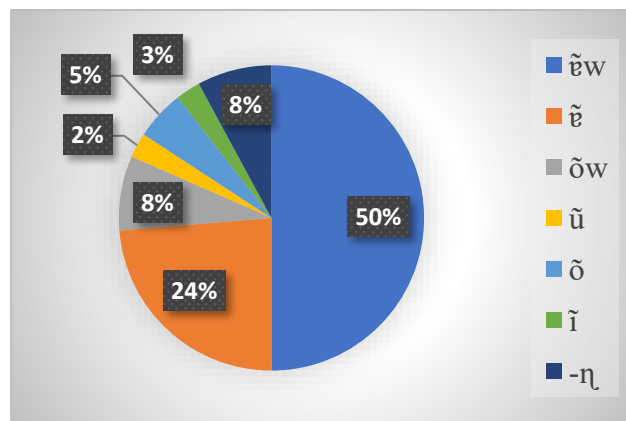
7.4. Bragança (BÇ)

Na zona de Bragança, passamos para a zona onde podemos observar o maior número das variações. Isto pode ser porque nesta zona temos também o maior número das localidades de pesquisa, as 16 no total. Concretamente, temos até 111 resultados recolhidos pela zona de Bragança.

À respeito da terminação *-am* podemos encontrar até sete variações distintas - [ẽw], [ẽ], [õw], [õ], [ũ], [ĩ] e [-ŋ].

A realização normativa [ẽw] (*emprestam* [ĩprɛstẽw]) está marcada em 50 % dos casos, e assim mostra a sua dominância na zona. A sua forma monotongada [ẽ] (*assobiam* [suβiẽ]) é a realização com a segunda maior presença da zona, efetivamente em 24 % dos casos recolhidos. Em 8 % dos casos podemos observar a realização do ditongo [õw] (*assobiam* [ɐsuβiõw]). As restantes realizações presentes são [õ] em 5 % dos casos, [ũ] em 2 % dos casos e [ĩ] em 3 % dos casos. Em 8 % dos casos podemos ainda observar o fenómeno muito interessante nesta zona que é a realização da desinência acabada em [-ŋ]. Isto podemos observar em localidade BÇ2. Este traço se nota nos exemplos seguintes: *sonham* [suŋẽŋ] / *beijam* [bejzẽŋ]. Esses dois casos são os únicos casos recolhidos nesta zona de esta variação.

Figura 11: o gráfico de representações da terminação *-am* em Bragança



As realizações, com quase casos únicos são as formas monotongadas com a alteração da qualidade da vogal [ũ], [õ] e [ĩ] e estas marcam a sua presença em localidades BÇ1, BÇ2 e BÇ11 nos exemplos abaixo:

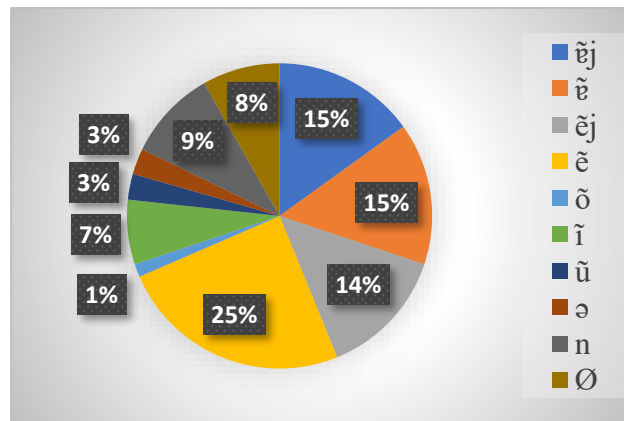
- [õ]: **semeiam** [sẽmejõ] – em localidade BÇ11
- [ũ]: **chamam** [tʃamũ] – em localidade BÇ2
- [ĩ]: **barram** [barĩ] – em localidade BÇ1

À respeito da desinência *-em* podemos observar até dez variações distintas na realização nesta zona. As realizações são seguintes: [ẽj], [ẽ], [ẽj], [ẽ], [õ], [ĩ], [ũ], [ə], [n] e [Ø].

A realização mais frequente é a forma monotongada [ẽ] com a presença em 25 % dos casos. As seguintes realizações mais usadas são a forma ditongada [ẽj] (**prendem** [prẽdẽj]) e a forma monotongada [ẽ] (**vêm** [bẽnẽ]), com 15 % dos casos, separadamente. Em 14 % dos casos podemos encontrar a realização do ditongo [ẽj] (**colhem** [kɔlẽj]). Em 9 % dos casos podemos observar a realização da terminação acabada em [n] (**tossem** [tusɛn]), concretamente podemos encontrá-la em BÇ3⁴⁸. Nesta zona também podemos encontrar a perda total da terminação que está apontada nos seis casos que representam 8 % dos resultados recolhidos. Esta perda da terminação está presente em localidade BÇ2, concretamente no caso **tossem** [tus]. As realizações de [ũ] (**servem** [sirbũ]) e [ə] (**podem** [p(w)oðə]) podem ser encontrados em 3 % dos casos separadamente e concretamente em localidade BÇ2.

Figura 12: o gráfico de representações da terminação -em em Bragança

⁴⁸ Nesta zona já mencionamos a presença da terminação acabada em *-ŋ* (em BÇ2) à respeito da terminação *-am*. É bastante interessante que o fenómeno similar não ocorra na mesma localidade de pesquisa, igualmente, as duas localidades nem são vizinhas.



Igualmente às zonas anteriores, à respeito da desinência **-em**, podemos observar a monotongação da terminação. Concretamente das terminações de ditongos [ẽj] e [ẽj] para as terminações [ẽ] e [ẽ]. Estas quatro realizações representam até 69 % dos casos recolhidos.

Em conclusão, podemos notar que nesta zona há variabilidade bastante extensa e é possível observar muitos fenómenos, tanto no caso da terminação **-am** como na terminação **-em**. Igualmente há uma preferência clara para as formas nasais. Só em dois casos de total podemos encontrar a forma sem nasalidade.

7.5. Porto (P)

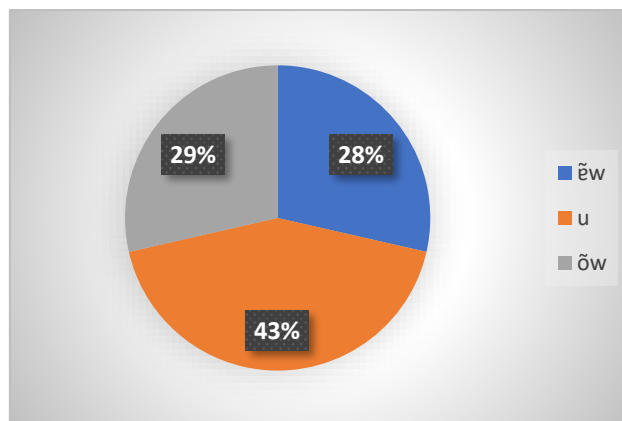
Na zona de Porto, a pesquisa foi feita em só cinco localidades, que, em comparação com outras zonas, é bastante pouco. Realmente, a zona de Porto registra o menor número das localidades de pesquisa pelas zonas, o que é lógico, já que se trata duma aglomeração urbana.

Igualmente, o número dos resultados é bastante baixo. Em total foram recolhidos só 16 casos no total. Concretamente, à respeito da terminação **-am** há só 7 casos apontados e 9 casos à respeito da terminação **-em**.

Na terminação **-am** podemos observar três possibilidades da realização da terminação. São as seguintes: [ẽw], [õw] e [u].

A realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [u] (**semeiam** [semeju]) está presente nas três de cinco localidades e segundo os resultados dos inquéritos, claramente predomina nesta zona com 43 %. A realização normativa [ẽw] (**assobiam** [ɐsuβiẽw]) está presente em 28 % dos casos e se nota em duas das cinco localidades de pesquisa, concretamente em P1 e P3. A realização do ditongo [õw] (**assobiam** [ɐsuβiõw]) é presente em 29 % dos casos e só em localidade P2. Então, podemos observar a alteração da qualidade da vogal no ditongo [ẽw] por [õw].

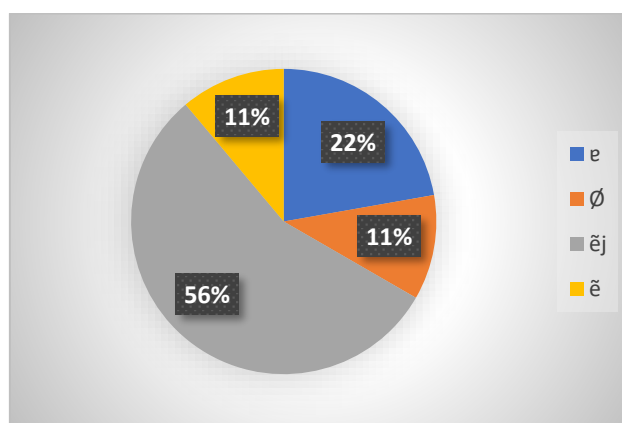
Figura 13: o gráfico de representações da terminação -am em Porto



Passando para a realização da terminação **-em**, descobrimos que os resultados para esta terminação são disponíveis só das duas localidades, concretamente de P1 e P2. Das outras três localidades, não temos nenhuns resultados já que não foram apontados. Apesar de não termos os resultados de todas as cinco localidades, registamos quatro realizações possíveis que são seguintes: **[ẽj]**, **[ẽ]**, **[v]** e a perda da terminação completa **[Ø]**. Todas essas quatro variações podemos encontrar em localidade P2.

Com 56 %, claramente predomina a realização de **[ẽj]** (**colhem [kɔlẽj]**). A segunda realização mais frequente, concretamente em 22 % é a forma monotongada e desnasalizada **[v]** (**sabem [sabv]**). A forma monotongada **[ẽ]** (**metem [mɛtẽ]**) está presente em 11 % dos casos. Nos restantes 11 % podemos encontrar a perda completa da terminação, por exemplo, no caso **dizem [dij]**.

Figura 14: o gráfico de representações da terminação -em em Porto



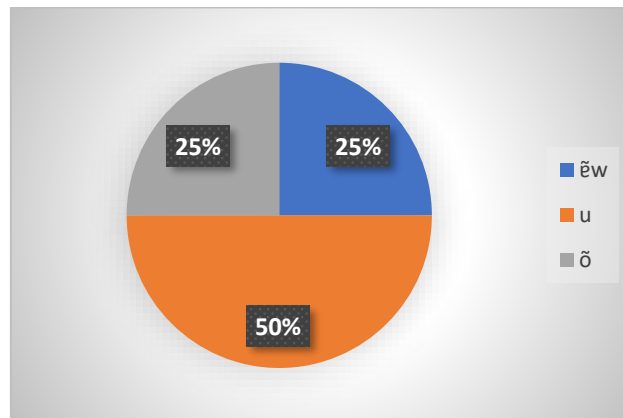
Em suma, à respeito da terminação **-am**, apesar da presença da forma normativa, prevalece a forma monotongada oral com a alteração da qualidade da vogal e à respeito da terminação **-em**, predomina a forma ditongada nasal.

7.6. Aveiro (A)

Muito parecido à zona anterior, nesta zona temos bastante pouco número de localidades onde se fez a pesquisa. Em total, há sete localidades de pesquisa, mas só em cinco delas há realmente casos apontados com doze resultados recolhidos para cada terminação, então, 24 resultados em total.

Na realização da terminação **-am** temos três possíveis variações: [ẽw], [u] e [õ]. A maior presença nesta zona tem a realização monotongada oral com a alteração da qualidade da vogal [u] (**semeiam** [səmɛju]) que está marcada 50 % dos casos. Igualmente à zona anterior, aqui também prevalece a forma monotongada em vez da forma normativa. As restantes duas realizações são presentes uniformemente com 25 %.

Figura 15: o gráfico de representações da terminação **-am** em Aveiro

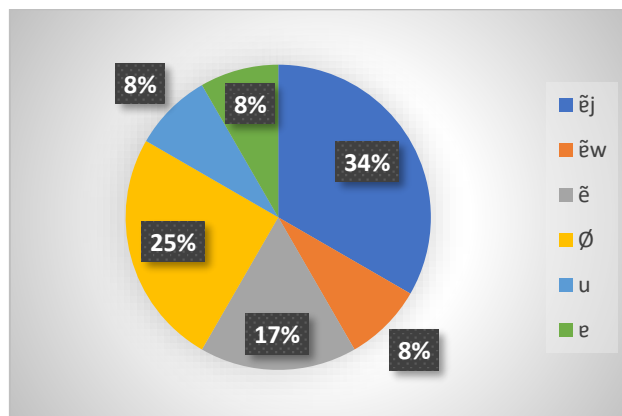


É bastante interessante que há localidades onde podemos observar só a presença de uma variação. Por exemplo, em localidade A2 podemos observar só a realização da terminação como [u] e em localidade A4 temos só a presença da realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [õ]. À respeito desta realização podemos observar as duas possíveis pronúncias com a manutenção da mesma desinênci, concretamente no exemplo do verbo **semeiam** – [səmɛjõ] / [sɐmɛjõ].

À respeito da realização da terminação **-em**, registramos os resultados recolhidos de três localidades – A1, A2 e A5. A pesar de ter pouco resultados, registramos até seis diferentes realizações da terminação, com a predominação de forma normativa [ẽj] (**mexem** [mɛfẽj]) em 34 % dos casos. Neste caso, no segundo lugar, concretamente em 25 % dos casos, realmente não temos nenhuma realização, já que podemos observar que a terminação se realmente não realiza, como notamos a perda total da terminação na pronúncia, por exemplo: **querem** [kwɛr]. Esta perda ocorre em duas localidades (A1 e A2). A terceira realização mais frequente é

a preferência geral pela realização [ẽ] em vez de [ẽj], então a realização monotongada. Esta está presente em 17 % dos casos.

Figura 16: o gráfico de representações da terminação *-em* em Aveiro



Ainda podemos observar estas realizações seguintes: [ẽw], [u] e [e] que são presentes em 8 % dos casos, separadamente. À respeito da realização da desinência *-em*, pela primeira vez também registramos a terminação do ditongo [ẽw] que logicamente é a forma normativa da terminação *-am*. Todas estas possibilidades podemos encontrar numa localidade de A1⁴⁹. Os exemplos recolhidos são seguintes:

- **descem** [dɛsẽw]
- **emprestam** [iprɛftu]
- **sentem** [sẽtɛ]

Resumindo, na zona de Aveiro, à respeito da terminação *-am* prevalece a forma monotongada oral com a alteração da qualidade da vogal e à respeito da terminação *-em*, predomina a forma ditongada nasal.

7.7. Viseu (V)

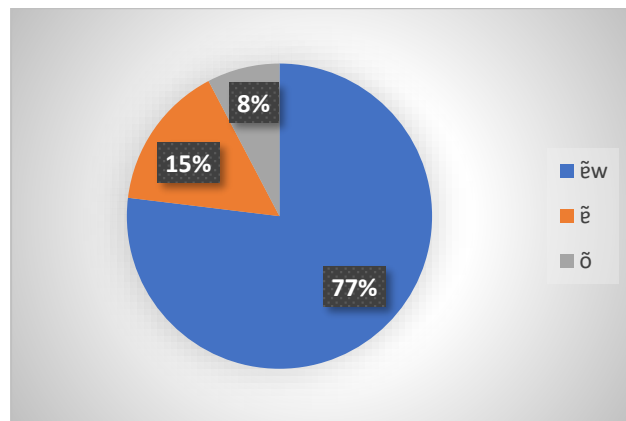
Passando para a zona de Viseu, chegamos à zona com bastante poucas variações das realizações de ambas terminações. É interessante que nesta zona temos em total 67 casos recolhidos pelas onze localidades, mas o número das variações é bastante pequeno.

A preferência geral da realização da terminação *-am* nesta zona é a normativa [ẽw] (**penduram** [piduẽw]) que representa 77 % dos resultados recolhidos, já que está apontada em

⁴⁹ Nesta localidade, ainda podemos observar a perda total da terminação quando referimos à realização de verbos *vir*, *ver*, *ter* e *dar*.

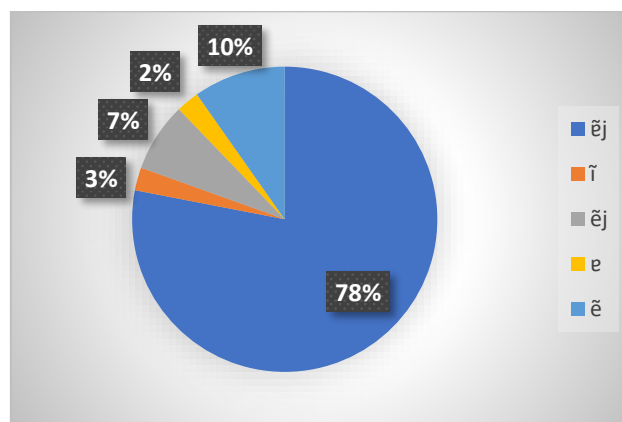
20 casos dos 26 de total. Esta variação está presente quase em todas as localidades de pesquisa e nas localidades onde esta realização não está presente, registramos a presença da variação [ẽ] (**semeiam [səmejẽ]**), então a variação monotongada do ditongo normativo. Esta realização está presente em 15 % dos casos. Além destas duas variações, está presente só mais uma realização – [õ] (**semeiam [səmejõ]**) – a realização mais arcaica, que está presente em 8 % dos casos recolhidos e, concretamente, só em localidades V6 e V7.

Figura 17: o gráfico de representações da terminação -am em Viseu



À respeito da realização da terminação **-em**, podemos observar a preferência pela realização normativa [ẽj] (**prendem [prẽjdẽj]**), que está presente em todas as localidades. Em total há 41 casos recolhidos para esta terminação e esta forma está presente em 32 casos deles o que apresenta 78 %. É interessante apontar que esta realização é a única variação realizada em localidade V2. A segunda realização mais frequente com 10 % é a forma monotongada [ẽ] (**moem [mɔjẽ]**). Nos 7 % ainda podemos observar a realização do ditongo [ẽj].

Figura 18: o gráfico de representações da terminação -em em Viseu



Ainda há presença apontada das realizações [ĩ] em 3 % e [v] em 2 %. A realização monotongada com a sua seguinte perda da nasalidade [v] (**metem [mɛtv]**), registramos em

localidade V9 num só caso único. A realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ] podemos encontrar em localidade V1 no exemplo **vêem [veĩ]**.

Nesta zona, em ambas terminações podemos observar a preferência clara para as formas normativas e as suas formas monotongadas são da segunda preferência na realização das terminações.

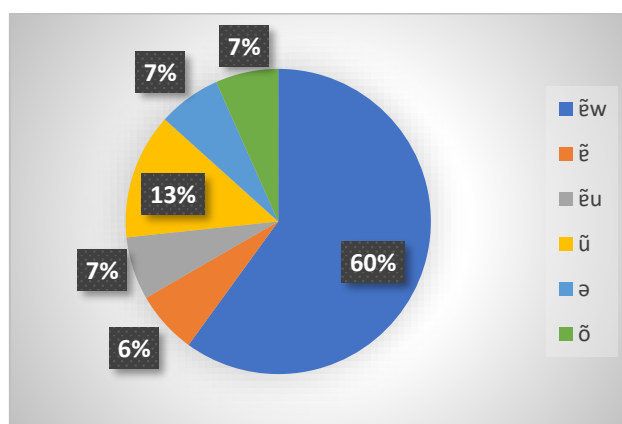
7.8. Guarda (G)

Chegando à zona de Guarda, passamos para a zona de bastante realizações diferentes das terminações, mais concretamente no caso da terminação **-am**. Em total, nesta zona foram recolhidos 46 casos pelas onze localidades de pesquisa.

Segundo os resultados dos inquéritos, registamos até seis diferentes formas da pronúncia para a terminação **-am**. As variações são seguintes: [ẽw], [ẽ], [ẽu], [ə], [õ] e [ũ].

A realização predominante é a normativa [ẽw] em 60 % dos casos. A segunda realização que representa 13 % é a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ũ]. As realizações [ẽu], [ə] e [õ] podemos encontrar em 7 % dos casos, separadamente. Em 6 % dos casos ainda podemos observar a realização [ə] (**beijam [bejzə]**).

Figura 19: o gráfico de representações da terminação **-am** em Guarda



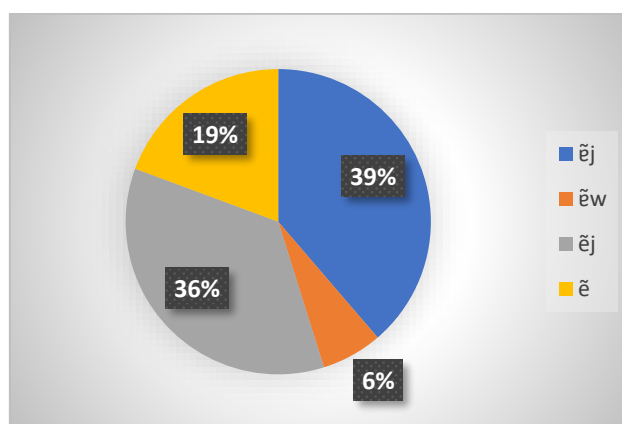
A realização normativa está presente em todas as localidades, exceto três. Nestas três localidades, onde não está presente, registamos a presença de realizações monotongadas com a alteração da qualidade da vogal [õ] e [ũ]. Então, podemos observar que em localidades onde não está presente a forma normativa prevalecem estas formas. Em relação à realização [ũ] (**semeiam [səmẽjũ]**), podemos encontrá-la em localidades G9 e G10, onde notamos a presença só desta realização. Referindo à realização [õ] (**assobiam [əsubiõ]**), destacamos o único exemplo desta realização na zona de Guarda, concretamente em localidade G5. Pela primeira

vez podemos também observar a realização do hiato [ẽu] (**deitam [dejtẽu]**), e isso, concretamente, em localidade G2. Nesta localidade também podemos encontrar a realização [ə].

Se passamos para a realização da terminação *-em*, encontramos quatro diferentes variações que são seguintes: [ẽj], [ẽj], [ẽ] e [ẽw].

A variação predominante é a forma normativa [ẽj], que está presente em 39 % e está apontada em todas as localidades exceto duas (G3 e G6). A segunda realização mais frequente é a realização do ditongo [ẽj] (**metem [mɛtẽj]**) e representa 36 %. A realização monotongada [ẽ] (**comem [kɔmẽ]**) pode ser encontrada em 19 % dos casos recolhidos. Em 6 % dos casos ainda podemos observar a presença do ditongo [ẽw].

Figura 20: o gráfico de representações da terminação *-em* em Guarda



A realização monotongada [ẽ] está presente em localidade G3 onde está presente só esta única realização. Igualmente, esta variação podemos encontrar como a única realização em localidade G4. Nesta região, encontramos também dois casos da realização do ditongo [ẽw], concretamente em localidade G1 num exemplo único: **dêem [dejẽw]**.

Pode-se notar que em ambas terminações predominam as formas normativas e as outras realizações apresentam maioritariamente as formas nasais.

7.9. Coimbra (C)

Chegando à zona de Coimbra, vamos trabalhar com 29 casos recolhidos e com o maior número das variações das realizações.

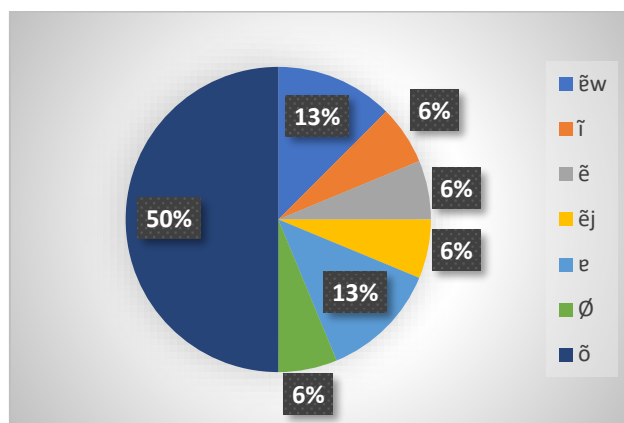
Na zona de Coimbra, na realização da terminação *-am* temos em total sete diferentes terminações que são seguintes: [õ], [ẽw], [v], [ĩ], [ẽj], [ẽ] e perda da realização.

Claramente, predomina a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal, a forma mais conservadora [õ], concretamente em 50 % dos casos. A realização do ditongo [ẽw] e a realização monotongada com a perda da nasalidade [e] apresentam 13 % dos casos, separadamente. As restantes quatro realizações apresentam 6 % pela realização.

A realização [õ] está presente por todas as localidades, exceto a de C4, onde podemos observar a segunda realização mais usada [ẽw], a forma normativa. Os exemplos de ambas as realizações são seguintes:

- [õ] – semeiam [sɐmɐjõ] em localidade C3
- [ẽw] – ceifam [sɛfẽw] em localidade C4

Figura 21: o gráfico de representações da terminação -am em Coimbra



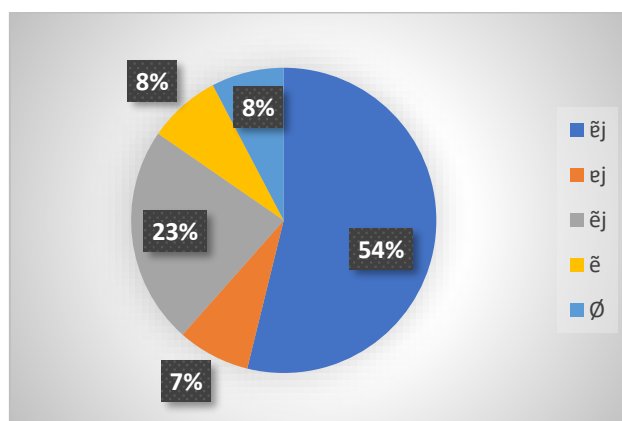
O resto das variações realizadas na zona de Coimbra podemos observar em localidade C6 - [ẽ], [ĩ], [ø] e [ẽj]. Nesta localidade ainda podemos observar que nem sempre uma terminação se pronuncia de maneira idêntica dentro duma localidade. Isto podemos notar nas duas realizações diferentes do verbo *chamar* que pode ser realizado como [ʃɐmẽ] ou como [ʃɐmĩ]. Em ambos casos podemos observar que as realizações são monotongadas com a alteração da qualidade da vogal.

Ainda se observa que devido à realização não idêntica da terminação nesta zona, podem também aparecer as formas do presente de conjuntivo em vez de presente de indicativo na pronúncia. Este fenómeno já mencionámos na zona de Viana do Castelo. Os exemplos são seguintes:

- assobiam [ɐsuβiɐ] → assobiem [ɐsuβiɐ]
- misturam [mɨʃturẽj] → misturem [mɨʃturẽj]

Na realização da terminação **-em**, predomina igualmente à terminação **-am**, a realização normativa **[ẽj]** (**prendem [prẽdẽj]**). Esta forma realiza-se em 54 % dos casos. A segunda variação mais usada é o ditongo **[ẽj]** (**comem [kɔmẽj]**) e podemos encontrá-la em 23 % dos casos. Em 8 % dos casos, separadamente, podemos observar a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal **[ẽ]** e também a perda total da realização da terminação na pronúncia no exemplo **dêem [de]**. Em 7 % dos casos podemos encontrar a variação desnasalizada **[ej]** (**sentem [setej]**), concretamente em localidade C2.

Figura 22: o gráfico de representações da terminação -em em Coimbra



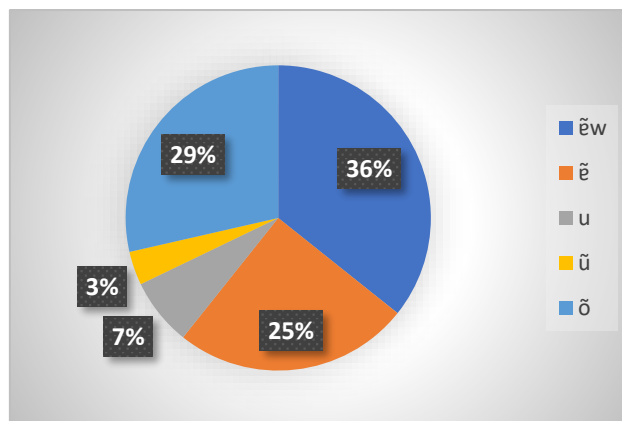
Em suma, na zona de Coimbra predominam com certeza as formas normativas sobre o resto das realizações, já que em ambos casos apresentam mais que 50 %.

7.10. Castelo Branco (CB)

Na zona de Castelo Branco temos dez localidades de pesquisa e 71 casos recolhidos das realizações.

Se referimos a terminação **-am**, observamos as cinco realizações possíveis: **[ẽw]**, **[ũ]**, **[ẽ]**, **[õ]** e **[u]**. A realização normativa **[ẽw]** é a predominante na zona com 36 %. A segunda realização mais presente está **[õ]** com 29 % e no terceiro lugar com 25 % há realização monotongada da forma normativa **[ẽ]**. As restantes realizações presentes são **[ũ]** com 3 % e **[u]** com 7 %.

Figura 23: o gráfico de representações da terminação -am em Castelo Branco



Pode-se observar que em cada localidade temos a realização predominante diferente, devido a que em cada localidade podemos observar só uma realização da terminação. A única exceção podemos encontrar com a realização do ditongo [ẽw] e a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ũ], já que ambas são presentes em localidade CB2. Os exemplos das duas realizações mencionadas são:

- [ẽw] – assobiam [ɛsuβiẽw]
- [ũ] – beijam [bɛjzũ]

Referindo a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal desnasalizada [u], em localidade CB5 podemos encontrar as duas pronúncias distintas com a mesma realização da terminação, concretamente no caso do verbo **semeiam** que pode ser pronunciado como [sɛmeju] ou como [sɛmwɛju].

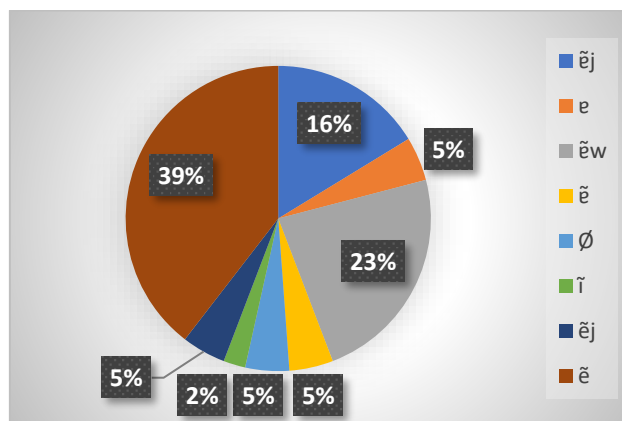
Em relação à realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [õ] notamos que devido a esta realização podemos observar a mesma pronúncia tanto para o uso das formas do presente de indicativo como de conjuntivo, ou seja, a confusão entre estes tempos verbais. O exemplo: **semeiam** [sɛmɛjõ] / **semeiem** [sɛmɛjõ]. Esta confusão podemos observar em localidade CB2.

No que se refere à realização da terminação **-em**, encontramos bastante número de variações, concretamente há oito variações diferentes ([ẽw], [ẽ], [ẽj], [ĩ], [ɐ], [ẽj] e [ẽ]).

Podemos observar que na zona de Castelo Branco há bastantes realizações monotongadas e à respeito da terminação **-em** podemos notar que a realização predominante é a forma monotongada [ẽ] que está presente em 39 % dos casos recolhidos. A realização do ditongo [ẽw] é a segunda realização mais frequente e está presente em 23 % dos casos. A realização normativa [ẽj] está presente em 16 % dos casos. Devido às terminações [ɐ], [ẽj] e

[ẽ], podemos observá-las em 5 % dos casos, separadamente. Igualmente, em 5 % dos casos podemos observar a perda da terminação. Em 2 % ainda podemos observar a terminação monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ].

Figura 24: o gráfico de representações da terminação -em em Castelo Branco



Igualmente à terminação anterior, há localidades dominadas por uma só variação única apontada. Em relação, à realização monotongada [ẽ] falamos sobre a localidade CB4 e em relação à realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ] em localidade CB7. A realização normativa [ẽj] domina em localidades CB5 e CB6. Estas realizações podemos observar nos exemplos seguintes:

- colhem [kɔlẽ]
- colhem [kɔlĩ]
- colhem [kɔlẽj]

Referindo a confusão entre as formas do presente de indicativo com as formas do presente de conjuntivo devido à pronúncia, este fenómeno é também típico para a esta terminação. Concretamente, esta confusão pode ser encontrada em localidade CB3. O exemplo é seguinte: **tossem** [tusẽ] / **tossam** [tusẽ]. Neste caso, podemos observar a realização monotongada e desnasalizada [v]. Na zona de Castelo Branco podemos observar também a sua variação nasalizada [ẽ], concretamente em localidade CB2.

Na zona de Castelo Branco também podemos observar a perda total da desinência, por exemplo, na realização do verbo sentir: **sentem** [sĩt] e concretamente em localidade CB3.

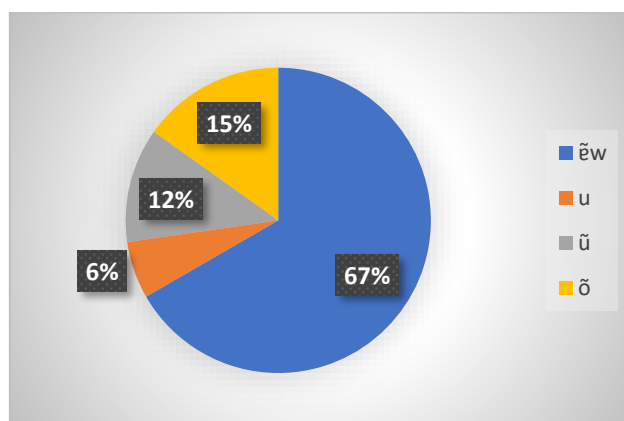
Em suma, podemos observar que devido à realização da terminação **-am** predomina a realização normativa, porém, na terminação **-em** predomina a forma monotongada.

7.11. Leiria (L)

Passando para a zona de Leiria, há sete localidades de pesquisa. Temos apontados 76 casos com nove variações das realizações entre as terminações **-am** e **-em**. Na terminação **-am** há quatro variações, e na **-em** há cinco.

Em relação à terminação **-am** as realizações são: [ẽw], [õ], [ũ] e [u]. Na zona de Leiria, predomina a terminação normativa de [ẽw] que podemos observar em 67 % dos casos. A segunda realização mais apontada é a forma monotongada com a alteração da qualidade da vogal [õ] com 15 %. A realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ũ] apresenta 12 % dos casos recolhidos. Em 6 % dos casos ainda podemos observar a realização monotongada desnasalizada com a alteração da qualidade da vogal [u].

Figura 25: o gráfico de representações da terminação **-am** em Leiria



Notamos que todas as quatro realizações da terminação **-am** podemos encontrar já na primeira localidade (L1), isso significa, que nesta localidade há toda a variedade possível desta terminação recolhida na zona de Leiria. Os exemplos concretos da localidade L1 podemos ver embaixo:

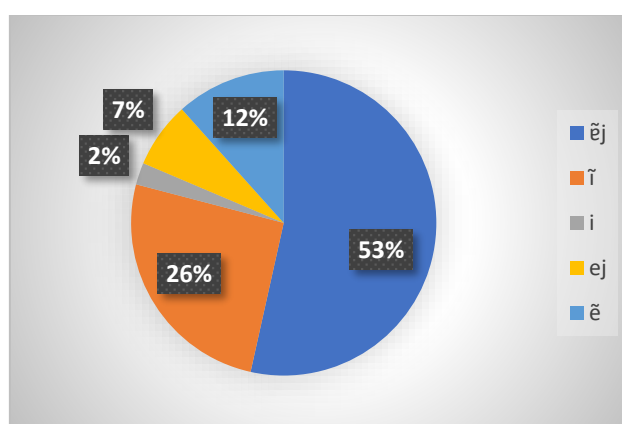
- [ẽw] – deitam [dejtẽw]
- [õ] – fecham [fɛfõ]
- [ũ] – assobiam [əsəβiũ]
- [u] – roubam [rɔβu]

Nesta zona, a terminação **-am** sofre uma diferença na realização dependendo do contexto que a segue. No exemplo em baixo podemos ver que quando a terminação está seguida, por exemplo, pelo pronome pessoal oblíquo muda a sua pronúncia do ditongo [ẽw]

para a forma monotongada [õ]: **chamavam** [tʃɐmavẽw] – **chamavam-lhe** [tʃɐmavõl']. Este fenómeno podemos observar em localidade L7.

À respeito da terminação **-em**, registamos cinco variações distintas: [ẽj], [ẽ], [ej], [ĩ] e [i]. Igualmente a terminação anterior, também predomina a realização normativa [ẽj] em 53 % dos casos. A segunda realização mais usada é a forma monotongada com a alteração da qualidade da vogal de [ĩ] em 26 % dos casos. A realização monotongada [ẽ] é a terceira realização mais usada e representa 12 %. Em 7 % dos casos ainda podemos observar a realização do ditongo [ej] e em 2 % a realização monotongada desnasalizada [i].

Figura 26: o gráfico de representações da terminação -em em Leiria



Igualmente à terminação **-am**, registamos a presença de todas as variações possíveis já em localidade L1 e os exemplos concretos podemos observar em baixo:

- [ẽj] – **descem** [dɛʃsẽj]
- [ẽ] – **prendem** [prẽdẽ]
- [ej] – **lêem** [lej]
- [ĩ] – **moem** [mõĩ]
- [i] – **põem** [põi]

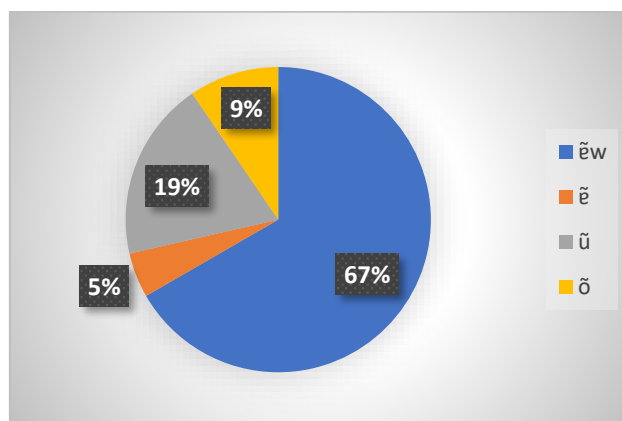
Em resumo, é claro que nesta zona predominam as formas normativas em relação às ambas terminações.

7.12. Santarém (S)

Apesar de que a zona de Santarém é bastante extenso, referindo-se ao território, a zona apresenta relativamente poucas variações da realização das terminações **-am** e **-em**. A pesquisa foi feita em nove localidades e foram recolhidos os 47 casos das realizações.

Referindo na terminação **-am**, registramos quatro variações – a forma normativa [ẽw] com a sua variante monotongada [ẽ] e outras duas formas monotongadas com a alteração da qualidade da vogal [õ] e [ũ]. A forma normativa predomina na zona, na verdade, podemos encontrá-la em 67 % dos casos recolhidos. A realização monotongada [ũ] (**semeiam** [sẽmejũ]) é a segunda terminação mais usada com 19 %. A realização monotongada de [õ] (**semeiam** [smejõ]) é a terceira realização mais frequente, em 9 %. Em 5 % podemos encontrar a realização [ẽ].

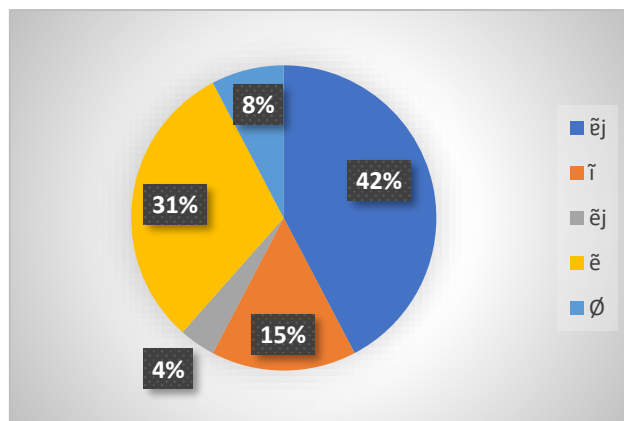
Figura 27: o gráfico de representações da terminação -am em Santarém



Referindo-se às localidades, a forma normativa [ẽw] (**semeiam** [sẽmejẽw]) está exclusivamente presente nas várias localidades, concretamente, S1, S5 e S6. A realização monotongada [ẽ] é notada só num caso único em localidade S4 no exemplo – **semeiam** [sẽmejẽ].

A realização da terminação **-em** apresenta num total cinco possibilidades da variação nesta zona. A realização predominante na zona de Santarém é a variação normativa [ẽj] e podemos encontrá-la em 42% dos casos. As seguintes realizações mais usadas são as realizações monotongadas [ẽ] (**colhem** [kɔlẽ]) em 31 % dos casos e a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ] (**colhem** [kɔlĩ]) em 15 % dos casos. Em 4 % podemos observar a realização do ditongo [ẽj].

Figura 28: o gráfico de representações da terminação -em em Santarém



É preciso mencionar que realmente podemos falar só sobre quatro possíveis terminações, já que nesta zona registamos também a perda total na realização da terminação, concretamente em 8 % dos casos.

À respeito das localidades, já na primeira localidade de pesquisa (S1) podemos encontrar todas as quatro possibilidades da realização. A falta na realização podemos notar em localidades S1 e S2, como, por exemplo, **põem [põj]**.

Notamos que em localidade S1, claramente, predomina a forma normativa, mas nas outras localidades já não é presente. Apesar disso, esta realização é a predominante na zona de Santarém. Nesta localidade, também podemos encontrar a realização do ditongo **[ẽj]**. Registamos um só caso único da toda zona no exemplo – **tossem [tɔsẽj]**.

Em localidade S8, podemos observar que, devido à pronúncia da terminação, ocorre uma confusão entre a forma do presente de indicativo e do presente de conjuntivo já que se pronunciam igualmente ambas formas. Os exemplos da confusão são podemos observar no verbo moer: **moem [mojẽ] / môam [mojẽ]**.

Resumindo, podemos observar que devido às ambas terminações predominam as formas normativas.

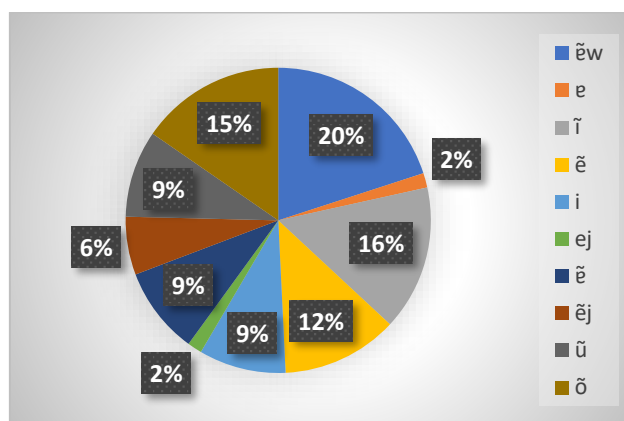
7.13. Portalegre (PL)

Na zona de Portalegre podemos observar o grande número das variações nas realizações de ambas as desinências. Na terminação **-am** se registam até dez variações diferentes e na terminação **-em** há onze, em total. Igualmente, o número das localidades de pesquisa é maior, com dez localidades apontadas e em total, foram recolhidos 151 casos.

À respeito da terminação **-am** foram apontadas estas realizações: **[ẽw], [ɐ], [ẽ], [ĩ], [i], [ê], [õ], [ũ], [ej]** e **[ẽj]**.

No gráfico podemos ver que os números de realizações recolhidas são bastante equilibrados, mas com a predominância da variação normativa [ẽw] com 20 %. A segunda realização mais usada com 16% é a realização monotongada com a alteração da vogal [ĩ] e em 15 % dos casos podemos encontrar a realização monotongada com a alteração da vogal [õ]. A realização [ẽ] podemos observar em 2 % dos casos e as realizações [i], [ẽ] e [ũ] podemos encontrar em 9 % dos casos, separadamente. A realização do ditongo [ẽj] está apontada em 6 % dos casos. As realizações [ɐ] e [ej] são presentes em 2 %, separadamente.

Figura 29: o gráfico de representações da terminação -am em Portalegre



É bastante interessante que, pela primeira vez, não há a maior preferência só pelas realizações [ẽw], [ɐw] ou [ẽ] (como podíamos notar até este momento), mas na zona de Portalegre há grande presença das realizações monotongadas outras daquela mais frequente, isso é, a realização [ĩ].

Num caso único, podemos encontrar a realização de [ɐ], concretamente em localidade PL6, no exemplo **olham** [ɔɔɔɐ]. Em relação à realização do ditongo [ej], igualmente podemos encontrar só um caso único da realização, concretamente no exemplo **semeiam** [sɐmej] em localidade PL2. Nesta localidade há também presentes as realizações [i] e [ẽj]. Os exemplos destas realizações são seguintes:

- [i] – **emprestam** [ĩpreɣti]
- [ẽj] – **fecham** [fɛɣẽj]

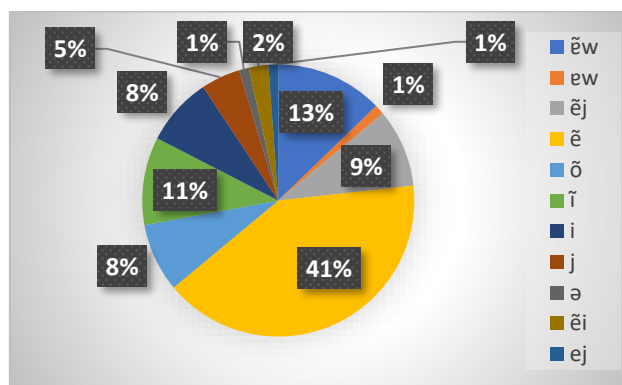
Algumas localidades apresentam a variabilidade extensa devido às realizações. Isso podemos observar em localidade PL7, onde podemos encontrar até seis variações diferentes. As variações com os exemplos podemos ver em baixo:

- [ẽw] – **assobiam** [ɐsubiẽw]

- [ẽ] – sonham [sɔpẽ]
- [ĩ] – juntam [ʒũtĩ]
- [ẽ] – jogam [ʒɔgẽ]
- [õ] – roubam [robõ]
- [ũ] – emprestam [ĩprɛʃtũ]

No que se refere à realização da terminação *-em* registamos estas realizações: [ẽw], [ɐw], [ẽj], [ẽ], [õ], [ĩ], [i], [j], [ej], [ẽi] e [ə]. À respeito do gráfico, podemos observar que os resultados não estão tão equilibrados como na terminação *-am*. Aqui, claramente, predomina a realização motongada de [ẽ] que está presente nos 41 % dos casos. A segunda realização, com os 13 %, é a realização do ditongo [ẽw] e a terceira realização mais frequente com 11 % é a forma monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ]. O resto das realizações está presente em menos que 10 % dos casos, separadamente. Concretamente, podemos observar a realização do ditongo [ẽj] em 9 %, as realizações monotongadas com a alteração da qualidade da vogal [õ] e [i] em 8 % separadamente, a realização [j] em 5 %, as realizações do ditongo [ẽi] em 2 % e [ej], [ə] e [ɐw] em 1 % separadamente.

Figura 30: o gráfico de representações da terminação *-em* em Portalegre



Em cada localidade de pesquisa realizada, há grande variação na realização. Na maioria das localidades, podemos registrar pelo menos quatro realizações diferentes. Em relação às realizações [ẽw], [ɐw], [ẽj], [ẽ] e [õ] podemos observá-las numa localidade (PL1).

- [ẽw] – colhem [kɔlẽw]
- [ɐw] – vêem [vɛɐw]
- [ẽj] – sentem [sĩtẽj]
- [ẽ] – comem [kɔmẽ]
- [õ] – sobem [sɔbõ]

Igualmente ao caso da terminação **-am** em localidade PL2, podemos observar as realizações de desinências muito parecidas, ou seja, as realizações com a tendência de evitar a realização do ditongo. As variações e os exemplos desta localidade são seguintes:

- [ĩ] – descem [dɛsĩ]
- [i] - comem [kɔmi]
- [j] – moem [moj]
- [ə] – sentem [sītə]
- [ẽ] – sobem [sɔbẽ]

A pesar de já ver as nove realizações diferentes, ainda nós faltam duas. Estas restantes variações podemos encontrar em localidade PL5 e podemos ver que se trata das formas ditongadas.

- [ej] – sobem [sɔbej]
- [ẽi] – tossem [tɔsẽi]

O apontamento que é preciso mencionar é que em quase todas as localidades há casos referindo à confusão entre as formas do presente de indicativo e presente de conjuntivo. Igualmente como no caso da zona anterior, de Santarém, e outros. Esta confusão pode notar-se tanto na realização da terminação **-am** como na realização de **-em**.

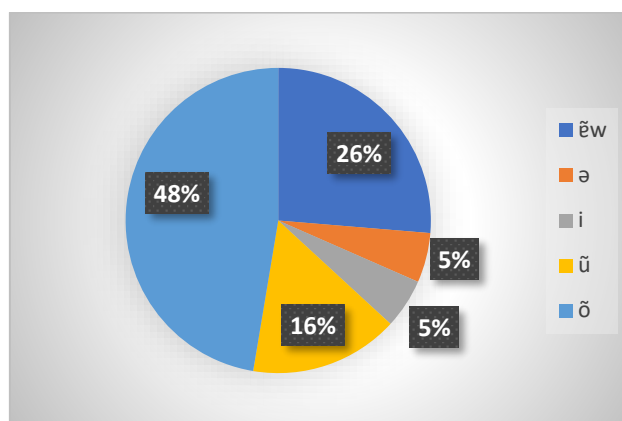
É notável que nesta zona temos a grande variação das realizações na pronúncia e praticamente podemos observar tanto as formas dos ditongos como as formas monotongadas. Igualmente, podemos observar tanto as formas nasais como orais.

7.14. Lisboa (Lx)

Passamos para a zona de Lisboa, a zona do português normativo. A pesar de estar no território normativo, a zona de Lisboa, em suas seis localidades de pesquisa, oferece bastante variações na realização das terminações **-am** e **-em**.

Observando a realização da terminação **-am**, podemos encontrar até cinco variações diferentes - [ẽw], [ə], [õ], [ũ] e [i]. À respeito dos resultados recolhidos, podemos dizer que a variação preferida nesta zona é a forma monotongada com a alteração da qualidade da vogal [õ] que foi apontada em 48 % dos casos. Com 26 %, podemos observar a realização normativa. A terceira realização mais frequente, concretamente, é com os 16 % a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ũ]. Em 5 % dos casos, separadamente, podemos ainda observar as realizações monotongadas e desnasalizadas [ə] e [i].

Figura 31: o gráfico de representações da terminação *-am* em Lisboa

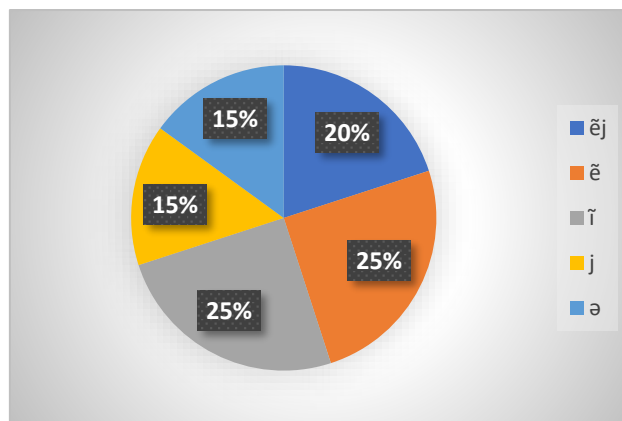


Nesta zona, claramente predominam as realizações monotongadas com a alteração da qualidade da vogal (tanto nasais como orais). Apesar de ter a maior presença na zona, a realização [õ] (**emprestam [ĩpreʃtõ]**) não está presente em localidade Lx1, onde podemos observar vários fenómenos. Primeiro, nesta localidade, uma vez mais, podemos observar a confusão na realização entre as formas verbais do presente de conjuntivo e de indicativo, referindo a sua pronúncia. Isso podemos ver no exemplo – **assobiam [ʊsuβi]** / **assobiem [ʊsuβi]**. Segundo, ainda podemos observar duas realizações possíveis para uma forma de verbo. Isso quer dizer que, por exemplo, na forma conjugada do verbo *fechar*, podemos encontrar estas duas possibilidades de realização de pronúncia que podemos ver em baixo nos exemplos.

- [ə] – **fecham [feʃə]**
- [ēw] – **fecham [feiʃēw]**

Na realização da terminação *-em* podemos observar até cinco possibilidades diferentes na realização da terminação e são seguintes: [ē], [ēj], [ĩ], [j] e [ə]. À respeito de gráfico, podemos observar que a variação na zona de Lisboa é bastante equilibrada com a preferência das duas realizações monotongadas ([ĩ] e [ē]) que são presentes em 25 % dos casos, separadamente. A realização do ditongo [ēj] está presente em 20 % dos casos. Ainda podemos observar, em 15 % dos casos separadamente, as realizações [j] e [ə].

Figura 32: o gráfico de representações da terminação *-em* em Lisboa



Das cinco localidades podemos observar que a maior variação pode ser observada na localidade Lx2, onde podemos encontrar todas as possíveis realizações apontadas pela zona. Os exemplos correctos das realizações são seguintes:

- [ẽ] – prendem [prẽdẽ]⁵⁰
- [ẽj] – sobem [sɔβẽj]
- [ĩ] – mexem [mɛĩ]
- [j] – moem [mɔj]
- [ə] – caem [kajə]

Nesta zona, também podemos encontrar a perda da terminação, concretamente no exemplo do verbo *ter* – têm [tẽ].

A pesar de estar na zona do português normativo, podemos observar que não predominam as formas normativas devido aos casos recolhidos.

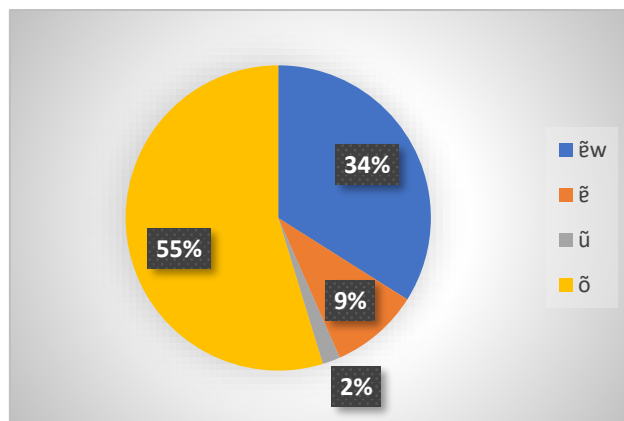
7.15. Évora (E)

Na zona de Évora há dez localidades de pesquisa com 148 casos recolhidos em total.

À respeito da terminação *-am*, podemos observar quatro realizações: [ẽw], [õ], [ũ] e [ẽ]. Observamos a bastante predominância das realizações do ditongo [ẽw] e da forma monotongada com a alteração da qualidade da vogal [õ]. Ambas as realizações têm, claramente, a maior presença na região, concretamente falamos de 55 % no caso de [õ] e 34 % de forma normativa [ẽw]. Em 9 % podemos encontrar a realização montongada [ẽ] e em 2 % a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ũ] (*semeiam* [səmeũ]).

Figura 33: o gráfico de representações da terminação -am em Évora

⁵⁰ A realização no presente de conjuntivo é a mesma como na caso do presente de indicativo (*prendam* [prẽdẽ]).



Em cada localidade de pesquisa podemos encontrar pelo menos uma das variações [ẽw] ou [õ]. À respeito da realização [õ], abaixo podemos ver as duas pronúncias diferentes do verbo *emprestar* na sua forma conjugada. Podemos observar que, apesar dum câmbio na pronúncia da vogal inicial, a terminação segue a mesma - [õ]. Esta realização é a única realização que está presente em cada localidade exceto uma, e também há presente como a única realização apontada em localidades E3 e E5.

- **emprestam [ipɾɛʃtõ]** – em localidade E3
- **emprestam [ẽɾɛʃtõ]** – em localidade E5

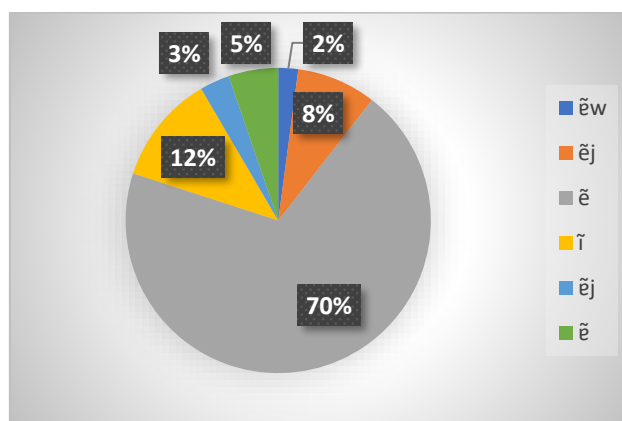
Referindo a segunda realização mais presente nesta zona, à forma normativa [ẽw]. Esta realização está presente em quase todas as localidades, concretamente, em localidade E8 está presente só esta realização única, no exemplo: **semeiam [səmeẽw]**.

Da realização monotongada [ẽ] registramos só cinco casos recolhidos e os dois exemplos são indicados em baixo:

- **fecham [fɛʃẽ]** em localidade E1
- **emprestam [ɛɾɛʃtẽ]** em localidade E4

Referindo a realização da terminação *-em*, podemos encontrar até seis possíveis realizações nesta terminação: [ẽ], [ẽj], [ĩ], [ẽj], [ẽ] e [ẽw]. Com certeza, podemos concluir que predomina a realização monotongada [ẽ] na zona de Évora, que está presente em 70 % dos casos. Só em localidade E3 predomina a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ] que está a segunda mais usada na região, estando em 12 % casos. Em 8 % podemos observar a realização do ditongo [ẽj]. A forma monotongada [ẽ] está presente em 5 % dos casos e a forma do ditongo [ẽj] está presente em 3 %. Em 2 % podemos ainda observar a realização do ditongo [ẽw].

Figura 34: o gráfico de representações da terminação -em em Évora



Na zona de Évora, podemos observar o maior número das variações em cada localidade de pesquisa. Todas as possíveis realizações podemos encontrar presentes em localidade E4. As realizações possíveis com os exemplos são seguintes:

- [ĩ] – comem [kɔmĩ]
- [ẽ] – prendem [prẽdẽ]
- [ẽj] – descem [dɛfsẽj]
- [ẽj] – lêem [lẽẽj]
- [ẽ] – vêem [vẽẽ]
- [ẽw] – dêem [dẽẽw]⁵¹

A realização monotongada [ẽ] (**comem** [kɔmẽ]) está apontada como a única realização em localidade E6.

Em suma, podemos dizer que nesta zona claramente predominam as formas monotongadas nasais sobre às normativas.

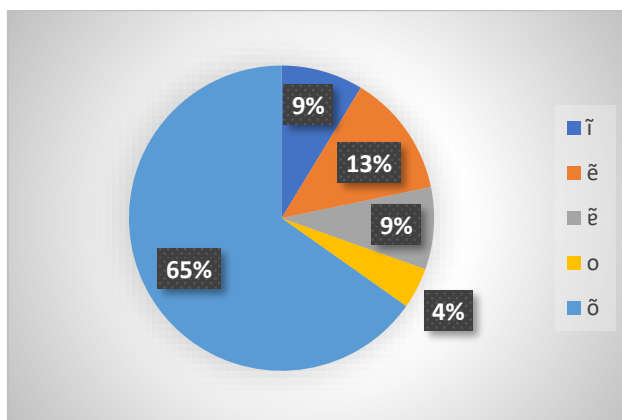
7.16. Setúbal (ST)

Em localidades da zona de Setúbal registamos a realização bastante diversa. Em cada localidade temos várias variações, a pesar de ter menos número das realizações na zona em total. Quer dizer, as oito localidades de pesquisa são bastante variadas. Em total há 65 casos recolhidos nesta região.

⁵¹ Outro caso notado desta realização podemos encontrar em localidade E5. Trata-se da mesma forma do mesmo verbo *dar*, mas a realização da forma diferencia no radical: **dêem** [dẽẽw].

À respeito da terminação *-am*, registamos cinco realizações que são: [õ], [ẽ], [ĩ], [ē] e [o]. Podemos ver que todas as realizações apontadas têm as formas monotongadas. A variação monotongada [õ] predomina na zona com 65 %. A segunda variação mais frequente é igualmente a forma com a alteração da qualidade da vogal [ē] com 13 %. Em 9 % podemos observar as realizações [ẽ] e [ĩ], separadamente. Em 4 % podemos observar a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal oral [o].

Figura 35: o gráfico de representações da terminação *-am* em Setúbal



A realização [õ] (**assobiam** [ʌsubiõ]) está presente em cada localidade, menos em localidade ST3, onde podemos encontrar as duas variações monotongadas diferentes que são seguintes:

- [ĩ] – **assobiam** [ʌsubiĩ]
- [ē] – **semeiam** [səmeē]⁵²

A pesar de maior presença de realização [õ], em poucos casos podemos ainda observar as realizações [ẽ] e [o]. Os exemplos de ambas podemos encontrar em localidade ST1 e são seguintes:

- [ẽ] – **emprestam** [ẽpreʃtẽ]⁵³
- [o] – **semeiam** [səmeo]⁵⁴

Passando para a realização da terminação *-em*, podemos observar quatro variações: [ē], [ẽj] [ẽ] e [e]. Claramente nesta zona predominam as formas monotongadas também à relação

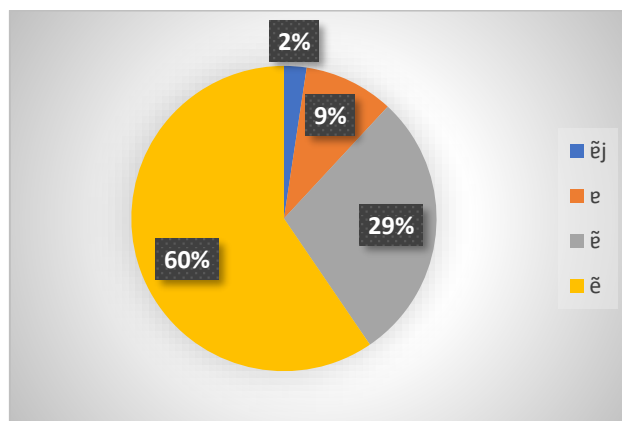
⁵² No caso desta forma do verbo, foi anotada também a realização da terminação como [ĩ]: **semeiam** [səmeĩ].

⁵³ Esta realização ainda podemos encontrar em localidade ST2, onde foi anotado um caso mais: **emprestam** [ĩpreʃtẽ].

⁵⁴ Este caso é o único anotado desta realização.

de terminação *-em*. A realização mais usada é a forma [ẽ] e está presente em 60 % dos casos. Com 29 % registamos a realização [ẽ̃] e em 9 % dos casos, podemos encontrar a sua forma desnasalizada [e]. Em só 2% podemos observar a presença da realização do ditongo [ẽj].

Figura 36: o gráfico de representações da terminação *-em* em Setúbal



Todas as realizações possíveis desta zona podem ser encontrados em localidade ST2.

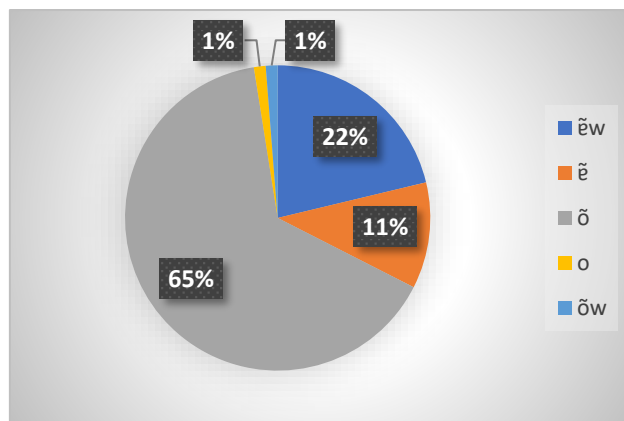
Resumindo, nesta zona podemos encontrar uma só realização do ditongo para as ambas terminações. Quer dizer, claramente, predominam as formas monotongadas e maioritariamente na sua forma nasal.

7.17. Beja (B)

Já na primeira vista, podemos ver que a zona de Beja é a maior zona. Claramente, acharíamos que na zona tão grande fosse muita variedade na realização das terminações, mas não é assim. Anteriormente, comentamos as zonas com maior variação, que a de Beja. Em total há realizações recolhidas das quinze localidades e com o total de 184 casos apontados.

Referindo à terminação *-am* podemos encontrar até cinco realizações nesta zona: [õ], [õw], [o], [ẽw] e [ẽ̃]. Claramente predomina a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [õ] (*assobiam* [subiõ]), que podemos encontrar em todas as quinze localidades de pesquisa. Esta variação está presente em 65 % dos casos. A segunda realização mais frequente é a forma normativa [ẽw] e está presente em 22 % dos casos. Com a maior presença podemos observar ainda a realização monotongada [ẽ̃], em 11 %. As realizações [o] e [ẽw] são presentes em 1 % dos casos, separadamente.

Figura 37: o gráfico de representações da terminação *-am* em Beja



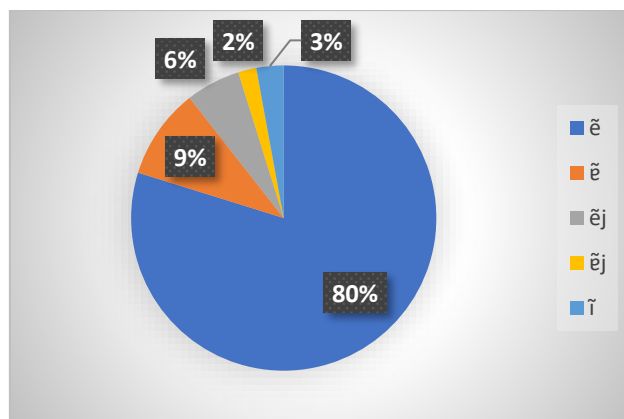
Em relação às realizações [ẽw] e [ẽ], então a forma normativa e a sua forma monotongada, estas variações são presentes quase em todas as localidades e os exemplos são seguintes:

- [ẽw] – assobiam [ɛsubiẽw] (localidade B3)
- [ẽ] – assobiam [ɛsubiẽ] (localidade B8)

Ainda podemos observar o único caso anotado da realização de variação monotongada, sem nasalidade [o], concretamente no exemplo **sonham** [sõpo], concretamente em localidade B1. Também podemos encontrar o resultado único da realização do ditongo [õw], concretamente em localidade B3 no exemplo **voam** [voõw].

À respeito da realização da terminação **-em**, registamos cinco realizações possíveis: [ẽ], [ẽ̃], [ĩ], [ẽj] e [ẽ̃j]. Claramente, predomina a variação monotongada [ẽ]. Dos 104 resultados recolhidos para esta terminação, esta variação ocorre em 83 casos que representam 80 %. Em 9 % casos recolhidos podemos encontrar a realização monotongada [ẽ̃] e em 6 % a realização do ditongo [ẽj]. A realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ĩ] está presente em 3 % dos casos e a forma do ditongo [ẽ̃j] pode ser observada em 2 %.

Figura 38: o gráfico de representações da terminação **-em** em Beja



A realização predominante [ẽ] podemos encontrar em todas as localidades e em cada localidade como a variação predominante. Por exemplo, em localidade B6, não registramos nenhuma realização outra. Um exemplo dela é – **prendem [prêdẽ]**.

As outras variações são presentes em número bastante menor. Normalmente, numa localidade, há só a realização predominante da zona [ẽ] e uma mais, dependendo da localidade. Em localidades B4 e B7 podemos observar três realizações diferentes, como máximo, incluindo a variação [ẽ].

No caso da localidade B4 as outras terminações são seguintes:

- [ẽ] – **moem [mɔjẽ]**
- [ĩ] – **vêem [veĩ]**

No caso da localidade B7 as outras realizações dos ditongos são seguintes:

- [ẽj] – **comem [kɔmẽj]**
- [ũj] – **tossem [tɔsũj]**

Na realidade, estas duas localidades podem servir como representantes para a realização da terminação, porque nelas estão presentes todas as possíveis variações da zona de Beja.

Resumindo, podemos observar que nesta zona claramente predominam as realizações monotongadas.

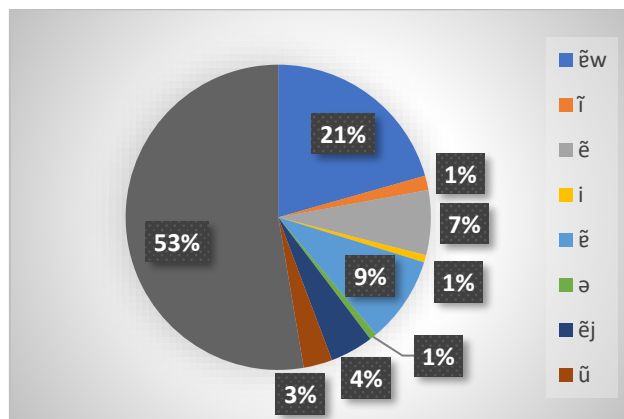
7.18. Faro (F)

Passamos para a última zona de pesquisa. Mudamos das localidades com, relativamente, poucas variações para a localidade com número bastante maior na realização das terminações. A pesquisa nesta zona foi feita em 16 localidades e com o maior número dos casos recolhidos, em total há 355 casos apontados. De verdade, na terminação **-am** podemos registar até nove variações distintas e na terminação **-em** até oito variações.

À respeito da realização de terminação **-am**, as realizações são seguintes: [õ], [ũ], [i], [ẽw], [ə], [ẽj], [ẽ], [ẽ] e [ĩ]. A realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [õ] é a realização predominante na zona e podemos encontrá-la em 53 % dos casos. A segunda realização mais frequente é a forma do ditongo [ẽw] que está presente em 21 %. A sua forma monotongada [ẽ] está presente em 9 % dos casos recolhidos. Em 7 % podemos encontrar a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ẽ]. O ditongo [ẽj] pode ser observado em 4 % e a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [ũ] em 3

% . A realização monotongada [ĩ] e a sua realização desnasalizada podem ser encontrados em 1 %, separadamente.

Figura 39: o gráfico de representações da terminação -am em Faro



Em cada localidade podemos observar entre três até cinco variações distintas. Em três localidades podemos encontrar uma só realização e em todas as localidades a mesma variação, a de [õ] **emprestam** [ẽprɛʃtõ]. O maior número das realizações podemos observar em localidade F6. Nesta localidade há, presentes até cinco variações que são seguintes:

- [õ] – **semeiam** [səmeõ]
- [ũ] – **assobiam** [subiũ]
- [u] – **sonham** [sõɲu]
- [ẽw] – **fecham** [fejẽw]
- [ə] – **roubam** [rɔβə]

Nesta zona, podemos observar que as formas dos verbos têm a mesma pronúncia em presente de indicativo como de conjuntivo, ou seja, ocorre a confusão entre os dois tempos devido à pronúncia, concretamente em localidade F8. Por isso, nesta localidade podemos encontrar só as duas variações embaixo:

- [ẽj] – **assobiam** [ɛsəbiẽj]
- [ẽ] – **emprestam** [ẽprɛʃtẽ]

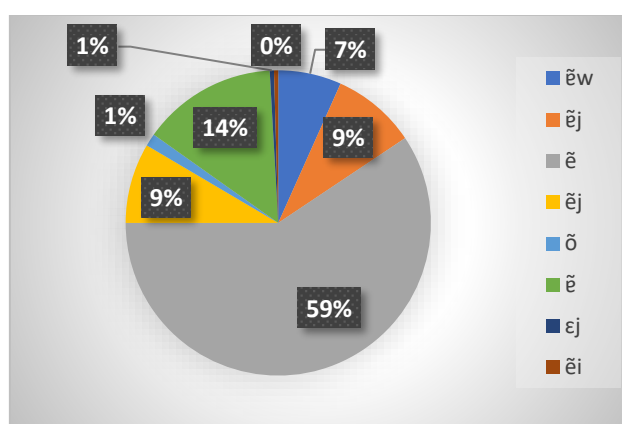
As restantes variações para esta terminação podemos encontrar, por exemplo, em localidade F1. Concretamente, são as estas:

- [ẽ] – **emprestam** [ĩprɛʃtẽ]

- [ĩ] – cavam [kavĩ]⁵⁵

Passando para as variações da realização da terminação *-em*, em total podemos encontrar até oito realizações: [ẽ], [õ], [ẽ̃], [ẽ̃j], [ẽ̃w], [ẽj], [ɛj] e [ẽi]. Na zona predomina a forma monotongada [ẽ] que representa 59 %. A segunda realização mais frequente é também a forma monotongada [ẽ̃] em 14 % dos casos recolhidos. Com 9 %, separadamente, são as duas realizações do ditongo - [ẽ̃j] e [ẽj]. O ditongo [ẽ̃w] está presente em 7 % dos casos. Em 1 %, separadamente, podemos observar as realizações do ditongo [ɛj] e [ẽi] e a realização monotongada com a alteração da qualidade da vogal [õ].

Figura 40: o gráfico de representações da terminação *-em* em Faro



Pela primeira vez, e de verdade num só caso apontado de todo o Portugal, podemos observar a realização do ditongo [ɛj]. Ainda podemos encontrar uma variação mais do ditongo, concretamente, em localidade F6. Trata-se da realização do ditongo [ẽi], no exemplo *vêm* [vẽi].

A maior variação de todas as localidades de pesquisa, podemos encontrar em duas localidades (F1 e F4).

As realizações seguintes, com os exemplos, podemos encontrar em localidade F1:

- [ẽ] – colhem [kɔlẽ]
- [õ] – comem [kɔmõ]
- [ẽ̃] – descem [desẽ̃]
- [ẽ̃j] – moem [mojẽ̃j]

⁵⁵ Igualmente, como em localidade F8, aqui podemos observar que esta variação serve tanto para a conjugação do verbo em presente de indicativo como na conjuntivo: *cavem* [kavĩ].

- [ẽw] – põem [põjẽw]

As duas realizações do ditongo [ẽj] e [ɛj] que não são presentes em localidade F1 podemos observar em localidade F4. Os exemplos são seguintes:

- [ẽj] – comem [kõmẽj]
- [ɛj]⁵⁶ – têm [tɛɛj]

Resumindo, podemos observar que nesta zona claramente predominam as formas nasais e unicamente aparecem os ditongos na terminação *-em*.

7.19. A síntese dos resultados

À respeito das desinências, conseguimos provar que estas desinências têm a pronúncia bastante instável, quer dizer que nas localidades podemos observar mais realizações possíveis. Portanto, é bastante difícil determinar quais delas podemos considerar dominantes numa zona determinada. Por este motivo, é também muito difícil realizar uma sistematização destas realizações conforme a sua distribuição e determinar se alguma das realizações está característica de uma área geográfica específica.

À respeito da desinência *-am*, trabalhamos com 647 casos recolhidos em total. Concretamente, podemos encontrar até 17 variações diferentes na terminação pelas 18 zonas de pesquisa. Os resultados podemos dividir segundo dois pontos de vista – o ponto estatístico e o ponto geográfico.

Em primeiro lugar passemos pelos resultados do ponto estatístico⁵⁷. Baseando somente nos resultados recolhidos, podemos dizer que claramente predomina a terminação [ẽw] que está presente nos 224 dos casos recolhidos, o que representa 34,62 %.

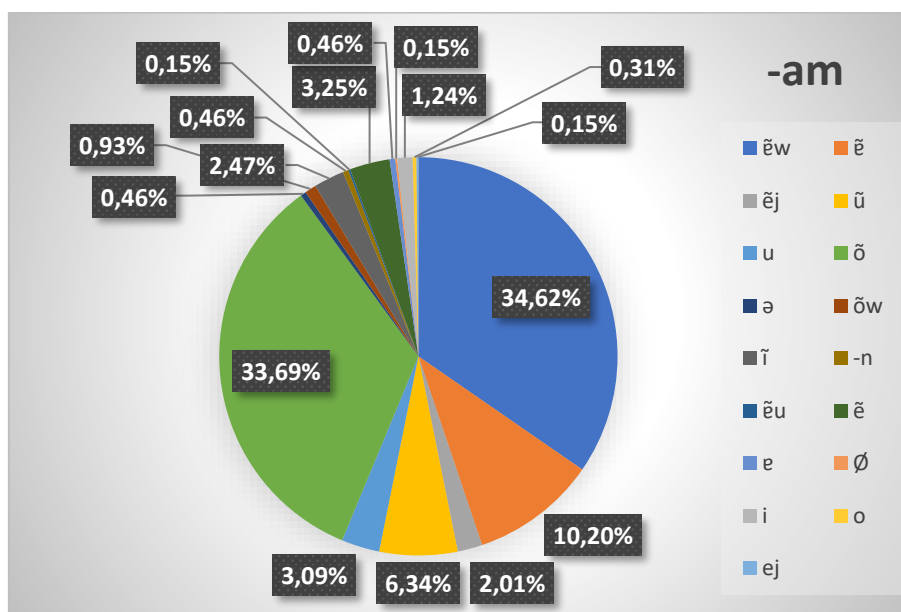
A segunda terminação mais presente é [õ] que podemos encontrar em 218 casos que representam 33,69 %.

Do gráfico em baixo podemos observar que só mais uma variação é presente em mais de 10 % dos casos. Concretamente falamos sobre a terminação [ẽ] que foi encontrada em 66 dos casos recolhidos. Esta realização inclui a monotongação do ditongo, ou seja, a redução do ditongo, preservando a nasalidade vogal.

⁵⁶ A realização [ɛj] da terminação é apontada em um só caso, concretamente nesta localidade de Vila do Bispo.

⁵⁷ Sabemos que contar apenas o número de ocorrências pode ter menos valor informativo, mas pelo menos nos dará alguma ideia da frequência do fenómeno.

Figura 41: o gráfico de representações da terminação -am em Portugal



Em segundo lugar, do ponto de vista geográfico, em baixo podemos observar um mapa que mostra todas as 18 zonas de pesquisa. Com base nos resultados recolhidos, podemos seleccionar uma realização predominante de cada região, e assim, complementar os resultados apresentados em cima. Concretamente, o mapa mostra só as realizações predominantes de cada região.

Com a certeza, podemos dizer que em Portugal predominam três terminações na terceira pessoa de plural ([ẽw], [õ] e [u]). Podemos ver que as realizações [ẽw] e [õ] são presentes tanto nos resultados estatísticos como nos geográficos. Segundo ponto de vista geográfico podemos notar que a terceira realização mais frequente é [u] e não [ẽ]. Isso é porque a realização [ẽ] não está predominante nenhuma zona apesar de ser a terceira realização mais frequente segundo ponto de vista estatístico.

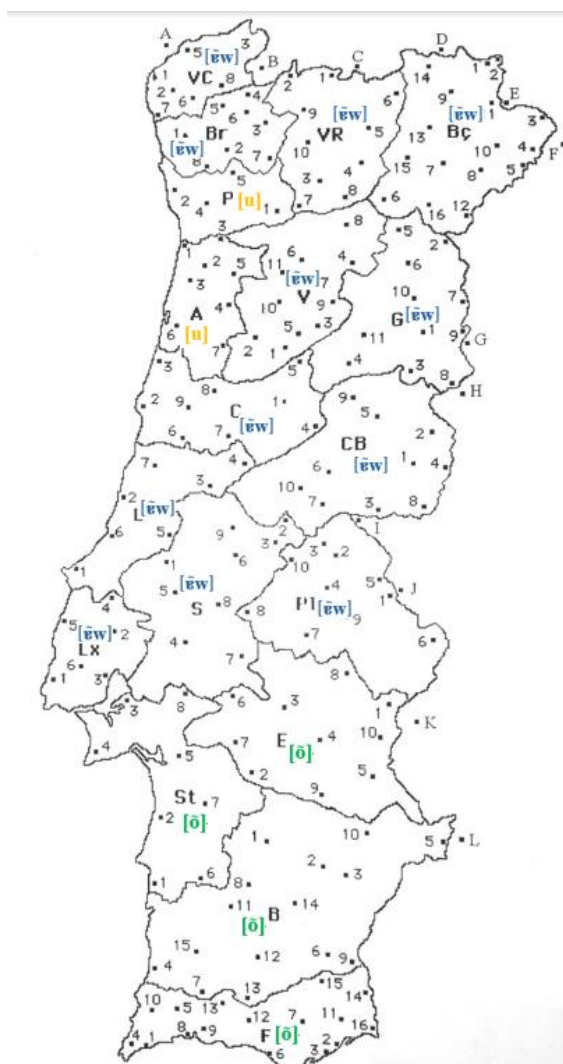
Com a maior presença temos a terminação normativa [ẽw] que está presente em 12 regiões: Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Leiria, Santarém, Portalegre e Lisboa. Esta terminação está predominante em Norte e Cento de Portugal.

Ao contrário, no Sul, claramente predomina a terminação [õ] que está predominante em 4 regiões: Évora, Setúbal, Beja e Faro. Esta realização é uma das mais tradicionais, representando a pronúncia arcaica deste ditongo. Esta pronúncia foi preservada até hoje, maioritariamente, em áreas linguisticamente conservadoras.

No Noroeste, concretamente nas zonas de Porto e Aveiro (na zona do rio Douro), predomina a terminação [u].

Em conclusão, podemos dizer que predomina a terminação normativa [ẽw] com a sua maior presença por Portugal. Esta realização aparece em 66,66 % das zonas e claramente predomina pelo território de Portugal, exceto, no sul onde se ainda preserva a realização mais arcaica do ditongo *-am*, como [ow].

Figura 42: o mapa das realizações predominantes da terminação *-am* em todas as zonas de Portugal

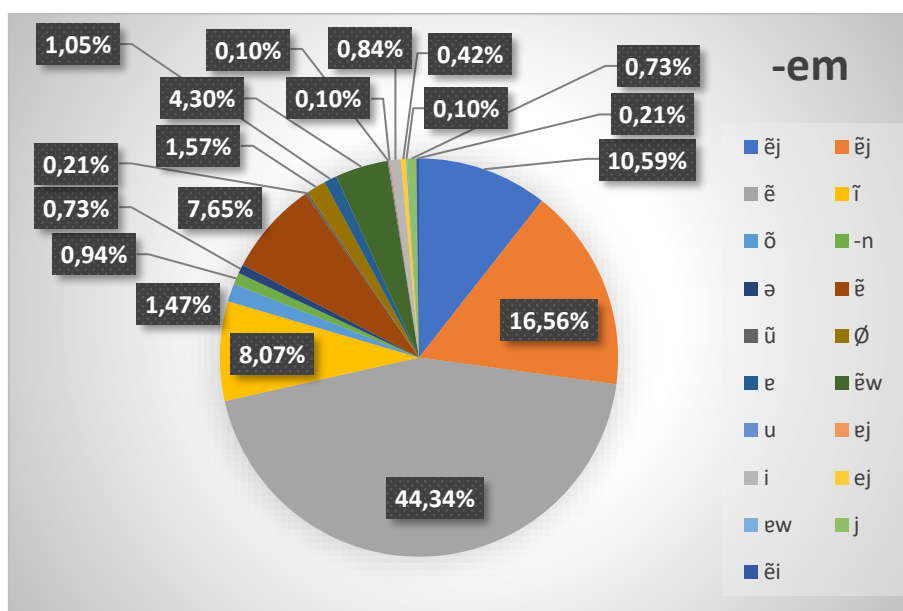


À respeito da desinência *-em*, no total, foram recolhidos 956 resultados pelas zonas de pesquisa. No total, podemos encontrar até 20 variações diferentes. Igualmente como no caso da terminação *-am*, podemos dividir a conclusão segundo dois pontos de vista – estatístico e geográfico.

Baseando-nos nos resultados estatísticos, podemos observar que claramente predomina a terminação [ē]. Esta realização está presente em 423 resultados que representam 44,25 %. A segunda terminação mais presente é a variação [ēj] que foi apontada em 158 casos e que representa 16,56 %. A terceira reao mais frequente é [ēj] representada em 101 casos que correspondem a 8,07 %.

Com base nos resultados recolhidos, podemos observar que algumas variações foram apontadas só nos casos separados, e assim apresentam antes uma exceção do que uma regra.

Figura 43: o gráfico de representações da terminação -em em Portugal



Igualmente, em baixo temos um mapa de todas as zonas que apresentam as terminações predominantes selecionadas em cada região. Então, são implementações que são prevalentes em zonas específicas e que, geralmente se ajustam em relação à frequência das variantes, ou seja, aquelas alterações que são geralmente mais frequentes, são muitas vezes também as alterações predominantes em zonas específicas.

À respeito da desinência *-em*, podemos observar quatro terminações predominantes em Portugal ([ēj], [ē], [ī] e [ēj]). As duas terminações, [ēj] e [ē] estão predominantes em oito zonas de pesquisa separadamente.

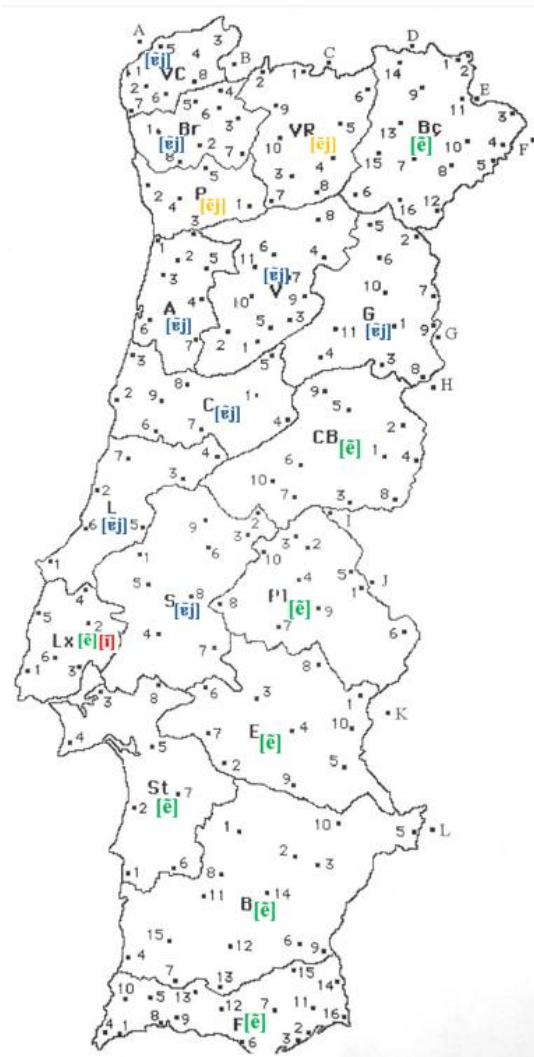
A terminação que está presente maioritariamente nas zonas do Norte e Centro é a realização normativa [ēj]. Esta está predominante em: Viana do Castelo, Braga, Viseu, Aveiro, Guarda, Coimbra, Leiria e Santarém.

A terminação [ɛ̃] está predominante maioritariamente no Centro e Sul de Portugal, concretamente: Castelo Branco, Portalegre, Évora, Santarém, Beja e Faro. Esta variação marca a sua presença ainda numa zona do Norte, concretamente em Bragança. Também está presente na zona de Lisboa, no entanto, não podemos falar sobre uma superioridade desta realização, já que com o número igual dos casos recolhidos, está presente também a terminação [ĩ]. Ambas estas realizações representam as formas monotongadas do ditongo *-em*.

Ainda podemos encontrar a terminação [ɛ̃j] nas zonas do Noroeste, concretamente: Porto e Vila Real. Esta realização apresenta a forma mais antiga do diftongo [ɛ̃j].

Finalmente, podemos comentar que na realização da terminação *-em* as formas monotongadas predominam.

Figura 44: o mapa das realizações predominantes da terminação *-em* em todas as zonas de Portugal



8. A sistematização das realizações na 3ª pessoa plural

As mudanças que ocorrem na 3ª pessoa plural são tipicamente do carácter fonético, como podíamos observar no capítulo anterior, e afetam a realização do ditongo nasal, com o qual esta pessoa sempre termina. As variantes que podemos encontrar nesta pessoa refletem na maioria o desenvolvimento histórico destes ditongos, que foi relativamente complicado. Também podemos observar as mudanças que podem ser consideradas do carácter morfossintático, concretamente referimos as terminações que não distinguem entre o presente de indicativo e conjuntivo

Resumidamente, à respeito dos resultados mostrados no capítulo anterior, podemos afirmar que além das realizações normativas, existem cinco processos básicos que estas duas desinências sofrem:

- a redução do ditongo a uma vogal nasal e eventual alteração da qualidade da vogal
- a redução do ditongo a uma vogal oral e eventual alteração da qualidade da vogal
- a conservação do ditongo com a mesma semivogal acompanhada por desnasalização da vogal e a eventual alteração da sua qualidade
- a substituição do ditongo por ditongo ou hiato com semivogal diferente
- a conservação do ditongo nasal mantendo a mesma semivogal mas alterando a vogal

8.1. Redução do ditongo à uma vogal nasal e eventual alteração da qualidade da vogal

O primeiro dos processos é a monotongação do ditongo com a conservação da nasalidade numa vogal (por exemplo, ficam ['fikẽw] → ['fikẽ]). Esse processo é provavelmente um dos mais comuns na realização das desinências. A redução do ditongo muitas vezes inclui também a substituição duma vogal, ou seja, podemos observar até cinco realizações possíveis da redução do ditongo:

- A realização de [õ], que é uma das realizações mais tradicionais, representando a pronúncia arcaica deste ditongo. Geralmente, esta realização preserva-se até hoje em zonas do sul de Portugal. Maioritariamente, a realização está presente na desinência **-am**, onde a sua presença foi marcada em dezassete regiões.
- A realização de [ũ] é também típica mais para variantes do Norte, mas aparece por quase todo o território de Portugal. Esta realização é presente sobretudo na desinência **-am**.
- A realização de [ĩ], segundo Vasconcelos é a variante típica para Trás-os-Montes, mas segundo questionários de Cintra pode ocorrer também na zona de centro de

Portugal, principalmente ao redor de Portalegre e Setúbal. Esta realização podemos encontrar tanto na realização da terminação *-am* como *-em*.

- A realização [ẽ] é muito mais presente na realização da terminação *-em*. Esta realização, segundo Vasconcelos deveria prevalecer nas zonas de Alentejo e Algarve. Segundo os inquéritos de Cintra, a sua presença ultrapassa a fronteira dos dialetos do Sul e está presente até ao rio Douro, então podemos dizer que está presente em todo o território de Portugal.
- A realização [ẽ̃] está primariamente presente na terminação *-am* onde está presente por todo o Portugal.

8.2. Redução do ditongo a uma vogal oral e eventual alteração da qualidade da vogal

O segundo dos processos é o processo da redução do ditongo a vogal e a consequente perda da nasalidade da vogal (por exemplo, *sonham* [so.ɲẽw] → [sõɲu]). Este processo é bastante comum e pode encontrar-se por todo o Portugal.

A primeira realização é a redução para [u]. Esta variação podemos encontrar tanto na realização *-am* como *-em*, concretamente na zona Norte de Portugal (entre os rios de Douro e Minho). Os inquéritos de Cintra mostram esta realização também ao redor de Lisboa e Castelo Branco.

A segunda realização do ditongo é a redução para [v]. Esta variante é relativamente rara. A sua maior presença está apontada na realização da terminação *-em*. A realização está documentada de maneira esporádica apenas nas zonas do Norte (Porto e Aveiro) e nas zonas de Castelo Branco e Setúbal. Sem embargo, esta redução resulta na confusão entre a 3ª pessoa de singular e a 3ª pessoa de plural devido à pronúncia. Não se trata apenas duma substituição da 3ª pessoa de plural pela 3ª pessoa de singular, mas antes de uma substituição do indicativo pelo conjuntivo acompanhada duma substituição simultânea da 3ª pessoa de plural pela 3ª pessoa de singular. Poderíamos considerar novamente se não se trata, por acaso, de um fenómeno mais sintático, onde a 3ª pessoa de singular e plural são trocadas. Em relação à 3ª pessoa de plural, ainda podemos observar a confusão entre presente de indicativo e presente de conjuntivo devido à pronúncia.

A realização de [i], segundo os inquéritos de Cintra, está presente só raramente nas zonas do centro de Portugal (regiões de Lisboa e Portalegre). Um caso único foi apontado também na zona de Faro. Esta realização podemos encontrar tanto na realização da terminação *-am* como *-em*.

A realização de [ə] é também bastante rara e presente tanto na realização da terminação *-am* como *-em*, e pode encontrar-se ao redor de Lisboa e Faro.

8.3. A conservação do ditongo com a mesma semivogal acompanhada por desnasalização da vogal e a eventual alteração da sua qualidade

O terceiro processo é a conservação do ditongo acompanhada pela perda da sua nasalidade (por exemplo, *partem* ['partẽj] → ['partɛj]). Este processo nota-se raramente e há quatro variações possíveis seguintes: [ɛj], [ej], [ɛw] e [ɛj], onde a vogal *a* liga-se sempre à terminação *-am* e a vogal *e* à terminação *-em*.

Não podemos afirmar que este fenómeno seja típico para alguma zona específica. Segundo Cintra, a sua distribuição está presente em várias zonas. Os casos recolhidos são os casos únicos presentes nas zonas de Coimbra, Leiria, Portalegre, Lisboa e Faro.

8.4. A substituição do ditongo por ditongo ou hiato com semivogal diferente

O quarto processo é a substituição do ditongo por outro ditongo completamente diferente. Este processo substitui um ditongo por outro que contém uma semivogal diferente e a primeira vista pode aparecer como o ditongo pertencido à classe de conjugação diferente. Na realidade, isso significa que, por exemplo, no caso da 1ª classe verbal (no presente de indicativo ou no pretérito perfeito de indicativo) o ditongo final [ɛw] realiza-se como o ditongo [ɛj].

Em relação à realização do ditongo *-am*, podemos observar que se realiza também como [ɛj]. Aqui, podemos observar que a substituição com a realização fonética do ditongo *-em* é bastante evidente. Esta forma pode encontrar-se na Viana do Castelo, Coimbra, Portalegre e Faro, ou seja, há casos recolhidos tanto do Norte como do Sul.

Pelo contrário, o ditongo *-em* pode resultar na realização de [ɛw], no entanto, esta realização é relativamente rara. Segundo os inquéritos de Cintra, esta realização pode ser encontrada na zona da Beira Baixa (perto da fronteira com Espanha), ao redor de Lisboa e nas províncias de Alentejo e Algarve.

Apesar de menor frequência de ocorrência, nota-se que a substituição das desinências *-am* por *-em* (e vice-versa) é um fenómeno típico para o Sul de Portugal e também na zona de província da Beira Baixa e Alto Alentejo.

8.5. A conservação do ditongo nasal mantendo a mesma semivogal mas alterando a vogal

O quinto processo representa a conservação do ditongo nasal com a alteração da qualidade da vogal, mantendo a mesma semivogal.

Em relação às terminações, na terminação **-am** podemos encontrar as duas possíveis realizações - o ditongo [õw] e o hiato [ũu]. À respeito do ditongo [õw] observamos que esta realização está bastante rara e podemos encontrá-la no Norte de Portugal, concretamente nas zonas de Bragança e Porto. A realização do hiato [ũu] é a realização ainda menos frequente e igualmente podemos encontrá-la no Norte de Portugal, concretamente na zona de Guarda.

Em conclusão, é necessário acrescentar que, no entanto, é difícil classificar as alterações em subgrupos particulares, pois muitas vezes estão ligados, ou seja, é provável que o verbo sofra primeiro uma mudança de tipo de ditongo e depois uma monotongação. Por exemplo, na monotongação nas zonas de Algarve (**eles espreitaram** [iʃprej'tarẽw] → [ʃpre'tarẽ]), notamos que o elemento semi-vocálico cai, mas, antes disso, o ditongo devia ter passado pela alteração de [ẽw] para [ej], misturando assim terminações de indicativo e conjuntivo. Assim podemos ver que duas mudanças diferentes ocorreram gradualmente no mesmo verbo.

9. Conclusão

Este trabalho teve como objetivo principal analisar e apresentar as realizações das desinências verbais na 3ª pessoa de plural no português continental europeu no presente do indicativo, com base nos resultados anteriormente apresentados por Lindley Cintra relativamente à variação dialetal da língua portuguesa. A partir da análise de dados linguísticos recolhidos em diferentes regiões, procurámos verificar até que ponto as tendências descritas por Cintra se mantêm válidas no português contemporâneo. Ainda que este estudo se tivesse apoiado no corpus limitado, os resultados obtidos ofereceram as contribuições relevantes para a compreensão da variação linguística no português europeu.

Voltando à afirmação mencionada no Capítulo 3, que o português é considerado uma das línguas românicas mais homogêneas e conservadoras, devemos afirmar que o conservadorismo do português é suficientemente presente pelas variantes regionais, já que, muitas vezes refletem umas formas mais arcaicas na pronúncia. Pode-se constatar que ainda permanecem vivas aquelas realizações que desapareceram da língua normativa no passado. Concretamente, podemos falar sobre a presença da realização do ditongo *am* como [õw]. Quer dizer, esta realização é de fato uma característica histórica do português, notada desde o português arcaico até hoje. A presença deste ditongo nasal confirma uma continuidade fonética desde fases antigas da língua. Igualmente, a realização da desinência como [u] pode ser vista como um traço conservador ou arcaico, e podemos encontrá-la em variedades mais conservadoras do português europeu, especialmente no Norte de Portugal. Porém, isso não confirma que o português seja arcaico no sentido global, mas é mais um vestígio histórico em uma língua que segue evoluindo. Apesar disso, pudemos observar que na maioria das zonas predominam as realizações normativas.

Em relação à falta da variação no português, não acreditamos que o português seja particularmente uma língua homogênea segundo ponto de vista diatópico. O número de variações que observámos na 3ª pessoa de plural no presente de indicativo, não nos parece baixo. Porém, a verdade é que as variações que notámos nesta pessoa foram em grande parte da natureza fonética e não morfológica. Assim, se considerarmos apenas a variabilidade ao nível morfológico, pode parecer bastante limitada. Por outro lado, pudemos observar o fenómeno da frequência com a qual as alternâncias fonéticas impactavam o nível morfológico. Isso indica que esses dois níveis linguísticos estão profundamente interligados. Então, se considerarmos estes níveis como um conjunto inseparável, a noção de que o português é a língua homogênea fica totalmente desmentida.

10.Lista de Abreviaturas

A1 - Espinho

A2 - Cesar

A3 - Válega

A4 - Carvoeiro

A5 - Covo

A6 - Moitinhos

A7 - Pardeiro

ALEPG - Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza

ALPI - Atlas Linguístico da Península Ibérica

B1 - Peroguarda

B2 - Quintos

B3 - Serpa

B4 - Zambujeira do Mar

B5 - Barrancos

B6 - Álamo

B7 - Nave Redonda

B8 - Aljustrel

B9 - Mesquita

B10 - Moura

B11 - Panóias

B12 - Porteirinhos

B13 - São Barnabé

B14 - Corte Cobres

B15 - Luzianes

BÇ1 - Rio de Onor

BÇ2 - Guadramil

BÇ3 - Constantim

BÇ4 - Sendim

BÇ5 - Duas Igrejas

BÇ6 - Ribalonga

BÇ7 - Sambade

BÇ8 - Penas Róias

BÇ9 - Lanção

BÇ10 - Algosó

BÇ11 - Outeiro

BÇ12 - Mazouco

BÇ13 - Ala/ Corujas

BÇ14 - Travanca

BÇ15 - Marmelos

BÇ16 - Larinho

BR1 - São Romão da Ucha

BR2 - Gondomar das Taipas

BR3 - Vila Boa de Bucos

BR4 - São João do Campo

BR5 - Fiscal

BR6 - Soutelo

BR7 - Gagos

BR8 - Pousada de Saramagos

C1 - Folques
C2 - Murtinheira
C3 - Mira/Montouro
C4 - Porto de Vacas
C5 - Ervedal da Beira
C6 - Casconho
C7 - Papanata
C8 - Figueira do Lorvão
C9 - Vila Pouca de Campo
CB1 - Idanha-a-Nova
CB2 - Monsanto
CB3 - Malpica do Tejo
CB4 - Salvaterra do Extremo
CBS - Alcongosta
CB6 - Cardoso
CB7 - Foz de Cobrão
CB8 - Rosmaninhal
CB9 - Unhais da Serra
CB10 - Isna
E1 - São Romão
E2 - Alcáçovas
E3 - Arraiolos
E4 - Nossa Senhora de Machede
E5 - Carrapatelo

E6 - Lavre

E7 - Baldios

E8 - São Lourenço de Mamporcão

E9 - Santana

E10 - Terena

F1 - Praia da Salema

F2 - Santa Luzia

F3 - Fuzeta

F4 - Vila do Bispo

F5 - Marmelete

F6 - Quarteira

F7 - Parizes

F8 - Alvor

F9 - Encheirim

F10 - Aljezur

F11 - Alta Mora

F12 - Alte

F13 - São Marcos da Serra

F14 - Laranjeiras

F15 - Penteadeiros

F16 - Junqueira

G1 - Monteiros

G2 - Escalhão

G3 - Sortelha

G4 - Sabugueiro

G5 - Seixas

G6- Barreira

G7 - Vale da Mula

G8 - Fóios

G9 - Poço Velho

G10 - Pala

G11 - Figueiró da Serra

ILB - O Inquérito Linguístico Boléo

L1 - Ferrel

L2 - Vieira de Leiria

L3 - Candal/ Boca da Mata

L4 - Mosteiro

L5 - Moita do Martinho

L6- Cela Velha

LX1 - Fontanelas

LX2 - Aldeia Galega

IX3 - Freixial

LX4 - Dagorda

LX5 - Póvoa de Penafirme

LX6 - Enxara do Bispo

P1- Baião

P2 - Gião

P3 - Sardoura

P4 - Sobrado

P5 - Barrocas

PL1 - Alegrete

PL2 - Alpalhão

PL3 - Nisa

PL4 - Aldeia da Mata

PL5 - Porto da Espada

PL6 - Campo Maior

PL7 - Avis

PL8 - Foros do Arrão

PL9 - Cabeço de Vide

PL10 - Vale da Vinha

S1 - Amiais de Baixo

S2 - Mesão Frio

S3 - Pereiro

S4 - Glória do Ribatejo

S5 - Alcanhões

86 - Montalvo

S7 - Santa Justa

S8 - Parreira

S9 - Igreja Nova do Sobral

ST1 - Porto Covo

ST2 - Vale Figueira/Melides

ST3 - Akochete

ST4 - Aldeia do Meco

ST5 - Palma

ST6 - Foros da Casa Nova

ST7 - Água Derramada

ST8 - Canha

V1 - Lajeosa do Dão

V2 - Múceres

V3 - Tibaldinho

V4 - Granjal

V5 - Santar

V6 - Mezio

V7 - Malhada

V8 - Granja do Tedo

V9 - Rãs

V10 - Vila Verde

V11- Ester de Cima

VC1 - Moledo do Minho

VC2 - São Lourenço da Montaria

VC3 - Castro Laboreiro

VC4 - Estrica

VC5 - Bade

VC6- Fornelos

VC7 - Castelo de Neiva

VC8 - Arcos de Valdevez

VR1 - Santo André

VR2 - Pitões das Júnias

VR3 - Mondrões

VR4 - Perafita

VR5 - Ribeira de Fraga

VR6 - Sonim

VR7 - Sedielos

VR8 - Roalde

VR9 - Covas de Barroso

VR10 - Vidoedo

11. Resumé

Diatopická variácia európskej portugalčiny predstavuje tému, ktorá zaujíma portugalských lingvistov už viac ako 100 rokov. My sme si za tému tejto práce zvolili slovesnú flexiu 3. osoby množného čísla v prítomnom čase. Radi by sme ukázali, či európska portugalčina je naozaj tak archaickým a geograficky homogénnym jazykom ako ju opisuje Manuel de Paiva Boléo alebo, či je jej variácia väčšia ako sa všeobecne očakáva.

V praktickej časti sme si vytvorili korpus založený na dotazníkoch, ktoré vytvoril Luís F. Lindley Cintra a boli distribuované medzi 70. a 90. rokmi minulého storočia. V korpuse sme sa snažili identifikovať a charakterizovať rôzne javy vyskytujúce sa v 3. osobe množného čísla, ktoré boli zaznamenané v 18 zónach Portugalska.

Nakoniec sme dospeli k záveru, že európska portugalčina vykazuje určité črty podporujúce jej konzervatívnosť, keďže tie realizácie, ktoré z normatívneho jazyka zmizli, stále pretrvávajú v regionálnych oblastiach. Pokiaľ ide o nedostatok variácii v portugalčine, nedomnievame sa, že by portugalčina bola z diatopického hľadiska obzvlášť homogénnym jazykom, napriek tomu, že väčšina zmien bola skôr fonetického charakteru. Keďže fonetické zmeny ovplyvňujú morfológickú úroveň, naznačuje to, že tieto dve jazykové úrovne sú hlboko prepojené a neoddeliteľné.

12. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de, *Gramática Latina*, São Paulo: Saraiva, 2000.
- BAZENGA, Aline, «Dialectologia», *Universidade da Madeira*, Funchal, abril 2016, <https://www.researchgate.net/publication/303518840_Dialectologia>, [consulta: 24/10/2024].
- BECHARA, Evanildo, *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- BOTELHO, José Mario, *Um pouco da história externa da Língua Portuguesa*, Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, vol. XVII, 2013.
- BRISSOS, Fernando, *Dialectos portugueses do Centro-Sul: corpus de fenómenos e revisão do problema da (des)unidade**, Universidade de Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), Lisboa, 2015.
- CARRILHO, Ernestina, *José Leite de Vasconcelos*, Journal: Dialectologia, Volume: 9, University of Lisbon, Lisbon, 2012.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley, *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses*, in Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971.
- CUNHA, Celso Ferreira da, CINTRA, Luís Filipe Lindley, *Breve gramática do português contemporâneo*, Lisboa, 1ª Edição, Edições João Sá da Costa, 1985.
- DAVID, Ricardo Santos, *A influencia da Língua Latina na Língua Portuguesa*, SEDA - Revista de Letras da Rural/RJ. Seropédica/RJ, v. 1, n. 2, mai./ago., Rio de Janeiro, 2016.
- DIAS, Ana Paula Veloso Pratas, *A variação ou ~ oi em português continental*, Dissertação, Mestrado em linguística, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- FREITAS, Wênio Costa de, *Do latim ao português: processos de formação de palavras*, Universidade Estadual de Paraíba, Departamento de Letras e Humanidades, Campina Grande, 2018.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu, *Língua Latina*, Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.
- MELO, Pedro Antonio Gomes de, *A história externa da Língua portuguesa: do Latim ao Português*, DLCV, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1, e020007, jan./jun. 2020, <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/58052>>, [consulta: 23/10/2024].

NUNES, José Joaquim, *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, 5ª Edição, Livraria clássica editora, 1945.

PIEL, Joseph-Maria, *A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)* in “Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa“, 1944.

SVOBODOVÁ, Petra, *Diatopické varianty verbální flexe na území kontinentálního Portugalska*, Univerzita Karlova, Nakladatelství Karolinum, Praha, 2020.

TEYSSIER, Paul, *História da língua portuguesa*, (trad. de Celso Cunha), São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007.

13. Lista de figuras e tabelas

Figura 1: o mapa da evolução da língua portuguesa até o português moderno	8
Figura 2: o mapa que mostra as isófonas selecionadas pelo Cintra	16
Figura 3: o exemplo das tabelas do questionário	34
Figura 4: o mapa dos pontos de inquérito de Lindley Cintra	35
Figura 5: o gráfico de representações da terminação -am em Viana do Castelo.....	36
Figura 6: o gráfico de representações da terminação -em em Viana do Castelo.....	37
Figura 7: o gráfico de representações da terminação -am em Braga.....	38
Figura 8: o gráfico de representações da terminação -em em Braga.....	39
Figura 9: o gráfico de representações da terminação -am em Vila Real	40
Figura 10: o gráfico de representações da terminação -em em Vila Real	41
Figura 11: o gráfico de representações da terminação -am em Bragança	41
Figura 12: o gráfico de representações da terminação -em em Bragança	42
Figura 13: o gráfico de representações da terminação -am em Porto	43
Figura 14: o gráfico de representações da terminação -em em Porto	44
Figura 15: o gráfico de representações da terminação -am em Aveiro	45
Figura 16: o gráfico de representações da terminação -em em Aveiro	46
Figura 17: o gráfico de representações da terminação -am em Viseu	47
Figura 18: o gráfico de representações da terminação -em em Viseu	47
Figura 19: o gráfico de representações da terminação -am em Guarda	48
Figura 20: o gráfico de representações da terminação -em em Guarda	49
Figura 21: o gráfico de representações da terminação -am em Coimbra	50
Figura 22: o gráfico de representações da terminação -em em Coimbra	51
Figura 23: o gráfico de representações da terminação -am em Castelo Branco.....	51
Figura 24: o gráfico de representações da terminação -em em Castelo Branco.....	53
Figura 25: o gráfico de representações da terminação -am em Leiria.....	54
Figura 26: o gráfico de representações da terminação -em em Leiria.....	55
Figura 27: o gráfico de representações da terminação -am em Santarém	56
Figura 28: o gráfico de representações da terminação -em em Santarém	56
Figura 29: o gráfico de representações da terminação -am em Portalegre.....	58
Figura 30: o gráfico de representações da terminação -em em Portalegre.....	59
Figura 31: o gráfico de representações da terminação -am em Lisboa	61
Figura 32: o gráfico de representações da terminação -em em Lisboa	61

Figura 33: o gráfico de representações da terminação -am em Évora.....	62
Figura 34: o gráfico de representações da terminação -em em Évora.....	64
Figura 35: o gráfico de representações da terminação -am em Setúbal	65
Figura 36: o gráfico de representações da terminação -em em Setúbal	66
Figura 37: o gráfico de representações da terminação -am em Beja.....	66
Figura 38: o gráfico de representações da terminação -em em Beja.....	67
Figura 39: o gráfico de representações da terminação -am em Faro.....	69
Figura 40: o gráfico de representações da terminação -em em Faro.....	70
Figura 41: o gráfico de representações da terminação -am em Portugal.....	72
Figura 42: o mapa das realizações predominantes da terminação -am em todas as zonas de Portugal	73
Figura 43: o gráfico de representações da terminação -em em Portugal.....	74
Figura 44: o mapa das realizações predominantes da terminação -em em todas as zonas de Portugal	75

14. Anotação

Apelido e nome: Stará Aneta

Nome de departamento e faculdade: Departamento de Estudos Românicos, Faculdade de Letras

Título do trabalho: A realização da desinência na terceira pessoa de plural nos dialetos de Portugal continental

Orientador do trabalho: Mgr. Petra Svobodová, Ph. D.

Número de caracteres: 143 389

Número de anexos: 44

Número de títulos de literatura utilizados: 17

Palavras chave: Portugal, verbo, flexão, desinências, gramática portuguesa, desenvolvimento

Descrição: Este trabalho explora a variação diatópica do português europeu, com foco na flexão na 3ª pessoa de plural no presente de indicativo. Com base no corpus construído a partir dos questionários de Luís F. Lindley Cintra, analisa as variações na realização das desinências no território de Portugal continental.

15. Abstract

Surname and name: Stará Aneta

Department and faculty name: Department of Romance Studies, Faculty of Arts

Title of thesis: Realization of the inflectional morpheme of the third person plural in the dialects of continental Portugal

Supervisor: Mgr. Petra Svobodová, Ph. D.

Number of characters: 143 389

Number of appendices: 44

Number of titles of used literature: 17

Keywords: Portugal, verb, inflexion, inflectional morpheme, portuguese grammar, evolution

Description: This work explores the diatopic variation of European Portuguese, focusing on the realization of the inflectional morpheme of the third person plural in the present indicative. It analyzes the variation across the Portugal based on the questionnaires from Luís F. Lindley Cintra.